

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CLETO JOSÉ HÜBNER

**A TRANSFORMAÇÃO DE HÁBITOS, COSTUMES E
TRADIÇÕES EM SAMPAIO**

Porto Alegre

2010

CLETO JOSÉ HÜBNER

**A TRANSFORMAÇÃO DE HÁBITOS COSTUMES E
TRADIÇÕES EM SAMPAIO**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito complementar para a conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Ivaldo Gehlen

Porto Alegre

2010

CLETO JOSÉ HÜBNER

**A TRANSFORMAÇÃO DE HÁBITOS, COSTUMES E
TRADIÇÕES EM SAMPAIO**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito complementar para a conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ivaldo Gehlen

(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Jussara Reis Prá

(Membro)

Prof. Dr. Alexandre Virginio

(Membro)

RESUMO

O tema desta pesquisa versa sobre a transformação de hábitos, costumes e tradições de uma localidade conhecida pelo nome de Sampaio – uma comunidade alemã. A comunidade de Sampaio é parte do Vale do Arroio Sampaio, que está localizado em região de colonização alemã e abrange parcelas dos municípios de Santa Clara do Sul, Mato Leitão, Venâncio Aires, Cruzeiro do Sul e Sério. Nessa comunidade a língua de origem (língua alemã), bem como, diversos hábitos, costumes e tradições trazidas pelos imigrantes oriundos da Alemanha e de países sob sua influência na Europa, não são mais utilizados como antigamente. Num hiato de tempo, entre, aproximadamente, quarenta a cinquenta anos, os moradores da comunidade abandonaram e transformaram hábitos, costumes e tradições, trazidas pelos seus antepassados europeus e adotaram e incorporaram novos de diversas procedências. Existem outros, que são cultuados desde a sua origem e continuam como fortes manifestações da tradição do seu passado. Apresentamos aqui um breve histórico da formação da comunidade e fazemos um levantamento da causa, ou de possíveis causas, que levaram esses descendentes de alemães do Vale do Sampaio a experimentar estas mudanças.

Palavras-chave: comunidade alemã, hábitos, costumes, tradições, cultura alemã, linguagem alemã, colonização alemã, imigração, imigrantes alemães, colonos alemães, festividades, religiosidade.

ABSTRACT

This article examines the change of habits, customs and traditions from a site known as Sampaio – a German community. Such community is part of Sampaio Stream Valley and it is located around German settlements, an area covering some towns such as Santa Clara do Sul, Mato Leitão, Venâncio Aires, Cruzeiro do Sul and Sério. Habits, customs and traditions from early German immigrants as much as the German language are not commonly found like they were then. In fifty years, native inhabitants have dropped and changed the habits, customs and traditions from former European settlers, adopting and incorporating new ones from diverse sources. Some customs are still being cultivated and keep on being strong expressions of old tradition. A brief history of Sampaio community is presented on this research which investigates the likely causes of habit changing among German descendants.

Keywords: German community, habits, customs, traditions, German culture, German language, German settlement, immigration, German settlers, German colonists, feast, religiousness.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Alemães e linguagem alemã no Rio Grande do Sul 1940-1980	66
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
1.1	Objetivos	09
1.2	Justificativa.....	09
1.3	Considerações sobre a pesquisa.....	10
1.4	Quadro Conceitual Teórico.....	12
2	A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO TAQUARI.....	15
3	A COLONIZAÇÃO DO VALE DO ARROIO SAMPAIO.....	22
3.1	A Comunidade Alemã de Sampaio.....	25
3.2	A Comunidade na Atualidade.....	28
3.3	“O Patrimônio Cultural Alemão”.....	32
3.4	Modo de Vida em Sampaio na Atualidade.....	37
4	IMPACTOS DAS TRANSFORMAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM, AS FESTIVIDADES E A RELIGIOSIDADE.....	40
4.1	As Causas da Transformação da Linguagem.....	43
4.2	As Causas da Transformação nas Festividades.....	49
4.3	As Causas da Transformação da Religiosidade.....	58
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
	REFERÊNCIAS.....	70
	ANEXOS.....	73

1 INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa apresenta o tema, a transformação de hábitos, costumes e tradições na comunidade de Sampaio. Esta comunidade está localizada em região de colonização alemã, que tem partes de seu espaço geográfico pertencentes aos municípios de Santa Clara do Sul, Mato Leitão, Venâncio Aires, Cruzeiro do Sul e Sério, no Estado do Rio Grande do Sul. Como, porque e quando, essa comunidade, aos poucos, a partir da promulgação das leis de nacionalização entre 1937 e 1942 e particularmente, a partir da migração maciça para os centros urbanos dos anos 60 e 70, foi perdendo hábitos, costumes e tradições trazidos pelos seus antepassados dos seus países de origem, transformando e mesclando outros com os de populações oriundas de diferentes nacionalidades, além de incorporar novos, de diferentes procedências. Estaremos examinando, no capítulo 4 deste trabalho, algumas das prováveis causas que contribuíram para que isso acontecesse.

Instalados em comunidades desde a sua chegada, segundo Pellanda, nos municípios hoje formados por Lajeado, Venâncio Aires, Arroio do Meio, Taquari, Roca Sales, Bom Retiro do Sul, Estrela, Colinas, Capitão, Imigrante, Fazenda Vila Nova, Paverama, Westfália, Cruzeiro do Sul, Teutônia, Arroio do Meio, Travesseiro, Forquetinha, Progresso, Marques de Souza, Santa Clara do Sul, Mato Leitão, Sério, além de outros da Região do Vale do Taquari, esses colonos comunicavam-se entre si, por muito tempo, exclusivamente, pela linguagem trazida pelos seus ascendentes dos países de sua origem emigratória, além de manterem seus hábitos, costumes e tradições, também, oriundas daí (PELLANDA, 1925). Pode-se dizer que, por um longo tempo, muitas dessas comunidades funcionavam em condições bastante fechadas em si mesmas, cultivando os hábitos dos seus ancestrais, inclusive realizando, por muito tempo, os casamentos entre ou dentro das suas comunidades. Como muitas famílias aí radicadas, constituíam proles bastante numerosas e a subdivisão das suas propriedades para a instalação para novos colonos era limitada, ocorreu um rápido esgotamento para a abertura de novas propriedades rurais, o que gerou a necessidade da busca de novas áreas de colonização a partir dos anos 50, como o oeste de Santa Catarina e do Paraná, além de conseguir novas alternativas de sobrevivência, como a urbanização de centros rurais e a migração para os centros urbanos (KLIEMANN, 1986). Também, segundo Ana Maria Dietrich, a partir da segunda guerra mundial, mais precisamente em 1942, através de uma determinação legal, o governo brasileiro passou a exigir das escolas ali localizadas que, embora rurais e

administradas pelas próprias comunidades, passassem a ministrar as suas aulas, obrigatoriamente, na língua nacional. Mais ainda, de acordo com Dietrich, por algum tempo, foi proibida a comunicação entre os colonos na linguagem de origem, o que determinou que, oportunistas e elementos inescrupulosos se intitulassem de falsas autoridades, e motivados por interesses escusos, os ameaçavam e procuravam apropriar-se de bens de alguns dos componentes dessas comunidades sob acusações de violação dessa e de outra norma legal (DIETRICH, 2007).

1.1 Objetivos

Como objetivos deste estudo, queremos demonstrar que as dificuldades de natureza cultural e legal, internas e externas ao grupo, que se traduziram na limitação do seu espaço de desenvolvimento, particularmente pela sua descendência numerosa (proles com muitos filhos), assim como, a imposição de normas e regulamentos públicos, promovidas pelas leis de nacionalização entre 1937 e 1942, além de outras circunstâncias levadas a cabo pelos próprios componentes do grupo, determinaram com que a comunidade se abrisse e buscasse novos elementos para o seu desenvolvimento e para a sua sobrevivência.

Queremos levantar dados sobre a comunidade de Sampaio para que se possa fazer uma avaliação sociológica da mesma. Queremos verificar quais são as suas necessidades, as suas deficiências, os seus potenciais, o seu estágio de desenvolvimento antropológico, social, político e cultural e organizar um instrumento de estudo que contenha os elementos suficientes para nos abastecer de informações, além de auxiliar aqueles que estiverem dotados dos meios e instrumentos públicos na busca de alternativas para promover a melhoria social dessa comunidade. Enfim, queremos encontrar alternativas para que a comunidade tenha a possibilidade de trabalhar por um crescimento social sustentado como grupo social.

1.2 Justificativa

Justifica-se a promoção e elaboração deste estudo no âmbito das ciências sociais e mais especificamente na sociologia e antropologia, uma vez que essa região teve esses colonos alemães assentados a partir de 1873, formando as comunidades do Vale do Sampaio, mas pouco se conhece até hoje em relação a sua avaliação em termos de grupo social, suas potencialidades, suas riquezas, sua gente, em relação aos seus hábitos, costumes e tradições desde que foram instalados. Sempre foram e continuam sendo parte do contexto político, social e econômico dos municípios dos quais fazem parte, do Estado e do País.

Julgamos que esta pesquisa poderá servir de subsídio para o atuante na área de sociologia para que o mesmo possa ter uma avaliação em relação a essa comunidade e, para os agentes públicos, para que possam promover a melhoria das condições sociais dos seus componentes. Em última análise, esta pesquisa no campo social, assim como outras, busca elementos que possam servir para a promoção de um desenvolvimento sustentado e igualitário, respeitando o direito de cada indivíduo dentro da comunidade.

1.3 Considerações sobre a Pesquisa

Da comunidade do Vale do Sampaio, formada por aproximadamente 1.500 pessoas, as nossas entrevistas contemplaram mais exatamente moradores da localidade iniciada com o nome de “Thereza Pikadd”, cujos 26 lotes distribuídos a partir de 1873 transformaram-se nas comunidades conhecidas atualmente como Vila Teresinha e Sampaio. Os festejos do cinquentenário do início da colonização, em 1923, e do centenário, em 1973, trouxeram-nos algumas informações relevantes que muito nos auxiliaram no desenvolvimento da parte histórica deste texto.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, pode ser considerada como um estudo de caso. As conversas, quase todas informais, com diversas pessoas, entre as quais, podemos destacar aquelas com mais idade, três com mais de 80 anos. Outras cinco pessoas que contribuíram, com os seus conhecimentos sobre a formação da comunidade, para este estudo tinham idades variadas, estando as suas idades, entre menos de oitenta e mais de quarenta anos. Duas das pessoas destacadas para conversas eram mais jovens, com menos de 20 anos. Podemos avaliar a importância das participações dessas pessoas com menos idade, porque contribuíram com as suas informações para que pudéssemos ter uma avaliação panorâmica de hábitos, costumes e tradições a partir de um passado distante, a partir do início da imigração, até a consolidação dos mesmos naquilo que se observa nos dias atuais. Também conversamos com duas pessoas conhecidas na localidade como portadoras de informações de conteúdo relevante, adquiridas ao longo do tempo, e ou repassadas pelos seus ascendentes e reconhecidas como formadoras de opinião. Compõe-se o universo da pesquisa, basicamente, das conversas com doze pessoas de diferentes faixas de idade, de cultura, de conhecimento e de formação, o que nos permitiu a coleta de informações bastante variadas e completas, tanto sobre o passado como sobre o presente da formação da localidade. Muitas outras informações foram obtidas em conversas informais, junto a outros componentes da comunidade e mediante observações colhidas pessoalmente e fora dos contextos de comunicação direta. As informações foram coletadas

junto à comunidade de Sampaio no período de março a outubro de 2010, podendo ser considerado como fator de aproximação o fato de ter vivido os dez primeiros anos de minha vida na localidade. Vale ainda destacar que foi possível coletar algumas das informações a partir de dados já existentes na bibliografia consultada, como o Folheto especial comemorativo ao cinquentenário da colonização de 1873 a 1923, “Sampaio zum 50-Jährigen Jubiläum”, o Folheto sobre a formação e evolução da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil de Sampaio e o exemplar da Folha do Mate de Venâncio Aires, com o seu suplemento especial de 27 de dezembro de 2007, sobre o Vale do Arroio Sampaio.

A seguir partimos para a coleta em campo para formar um melhor panorama sobre a realidade da comunidade. O contato mais direto com os componentes da comunidade e com a realidade local foi fundamental e o que possibilitou recolher e registrar fatos a partir do comportamento e da forma de ação dos indivíduos isoladamente e da convivência dos mesmos em grupos.

Também procuramos nos colocar como na forma de observador participante, treinando a observação participante, conforme apregoado por William Foote-Whyte e, também nos termos de Teresa Maria Frota Haguette, tendo sido possível uma boa integração, como participante do grupo investigado. A condição de poder utilizar a mesma linguagem dos integrantes do grupo foi fundamental para a aceitação no grupo. Pude participar de carteados, partidas de boliche, partidas de bocha, participei de partida de futebol, participei de rodas de conversas regadas à cervejinha e penso ter conseguido assimilar o estilo de vida do grupo. As conversas foram totalmente informais e foram levantados os assuntos mais comuns e rotineiros da comunidade. Podemos dizer que nos sentimos inteiramente à vontade na companhia dos descendentes de alemães e afirmar que muitos dos seus hábitos e costumes, além das tradições que ainda hoje são mantidos, confirmam valores existentes em outras comunidades de colonos da mesma origem. Embora tenham uma vida de trabalho voltada para suas atividades de cunho predominantemente braçal, os colonos de Sampaio também permeiam entre outros valores paralelos como, conhecimento, cultura e lazer, o que lhes proporciona condições de vida mais satisfatórias e de boa qualidade. Esse fator torna-se particularmente importante quando necessitam programar o desenvolvimento das atividades produtivas nas suas propriedades. Então, embora os colonos de Sampaio se constituam de operadores de trabalhos rurais, não dispensam os seus momentos de lazer e prazer, o que lhes proporciona um melhor equilíbrio em suas vidas.

A partir da coleta das informações, das conversas com pessoas de idades variadas, das observações realizadas em relação aos diversos grupos e, mesmo em relação às pessoas individuais, tornou-se possível apresentar algumas das prováveis causas, que foram determinantes ou que contribuíram, para a transformação de hábitos, costumes e tradições dos imigrantes alemães e seus descendentes na comunidade de Sampaio. Essas hipóteses são apresentadas no capítulo 4, basicamente, em relação à linguagem, às festividades e à religiosidade.

1.4 Quadro Conceitual Teórico

Um trabalho na área das Ciências Sociais que tenha como propósito estudar sobre hábitos, costumes e tradições deve ter em conta, uma visão dos conceitos de Weber sobre “ação social”. Para ele a ação social era um comportamento humano e a captação da relação de sentido da ação humana era o objetivo primordial da sociologia que, seria uma ciência a procura de compreender a ação social. Para Weber a ação “é um comportamento humano no qual os indivíduos se relacionam de maneira subjetiva” e a ação social, “característica por ser uma ação que possui um sentido visado que é determinado pelo comportamento alheio”. O conceito de ação social foi usado por Weber para observar como determinados comportamentos são modificados em determinados ambientes. O impacto da ação social é visto claramente no desenvolvimento das normas e dos costumes e na interação diária entre povos. A ação social indica que “os seres humanos variam suas ações de acordo com os contextos sociais em que habitam”. “Os costumes duram geralmente para gerações”. “O hábito é internalizado gradualmente e”, muitas vezes, “inconscientemente” (WEBER, 1979 e 1992).

A análise de Weber toma como princípio a distinção entre quatro tipos de ação: A ação racional com relação a um objetivo, “determinada por expectativas no comportamento tanto de objetos do mundo exterior como de outros homens e utiliza essas expectativas como condições ou meios para alcance de fins próprios racionalmente avaliados e perseguidos”; a ação racional com relação a um valor, “definida pela crença consciente no valor interpretável como ético, estético, religioso ou qualquer outra forma, absoluto de uma determinada conduta”; a ação afetiva, “ditada pelo estado de consciência ou humor do sujeito, definida por uma reação emocional do ator em determinadas circunstâncias e não em relação a um objetivo ou a um sistema de valor”; a ação tradicional, “ditada pelos hábitos, costumes, crenças transformadas numa segunda natureza, para agir conforme a tradição, o ator não precisa

conceber um objeto ou um valor, nem ser impelido por uma emoção, ele obedece a reflexos adquiridos pela prática”. Observe-se que “tanto a ação afetiva quanto a tradicional produzem relação entre as pessoas, são coletivas, comunitárias, nos dão comunhão e conceito de comunidade” (WEBER, 1992 e 1994).

Em sociologia política Weber estuda os tipos de dominação que podem ser considerados legítimos. Dominação, neste caso, vista como a possibilidade de um determinado grupo submeter-se a outro a um determinado mandato, o que poderia acontecer por motivos diversos, como costume e tradição. Na dominação legal, o dominado “obedece ao dominante que possui tal autoridade devido a uma regra que lhe deu legitimidade para ocupar este posto”. A dominação tradicional se dá “pela autoridade patriarcal onde o senhor ordena e os súditos obedecem e na forma administrativa isso se dá na forma dos servidores”. A dominação carismática se dá na devoção ao líder, mantida enquanto carisma (WEBER, 2003).

Na sociologia da religião, Weber visou examinar as implicações das orientações religiosas na conduta econômica dos homens, em especial, da ética protestante. Destacou a íntima relação entre as idéias religiosas e os interesses materiais dos grupos sociais. Mostrou como as diferentes visões religiosas implicavam em formas diferenciadas de racionalização da visão de mundo e da conduta. Para Weber a religião tem papel fundamental na maneira pela qual a sociedade se organiza. Weber e Émile Durkheim foram dos primeiros a enveredar pela sociologia da religião, área dos estudos sociológicos que estuda o caráter social e cultural dos comportamentos religiosos (WEBER, 2003).

Durkheim, neste campo se limitou na reflexão e no reconhecimento de uma “consciência coletiva”. Para ele “o homem só se tornou humano porque se tornou sociável”, isto é, “foi capaz de aprender hábitos e costumes característicos de seu grupo social para poder conviver no meio deste”, o que ele chamou de “socialização”. A consciência coletiva seria formada durante a nossa socialização e seria composta de tudo aquilo que habita as nossas mentes e que serve para nos orientar como devemos ser, sentir e nos comportar. A esse “tudo” ele chamou de “fatos Sociais”, que então seriam os verdadeiros objetos de estudo da sociologia (DURKHEIM, 2002).

Norbert Elias em sua obra, *O Processo Civilizador*, mostra que as classes sociais foram se modelando lentamente pela vida social desde a Idade Média, sendo que, através desse processo, a espontaneidade deu lugar à regra e à repressão na vida privada. Ele buscou informações em livros de etiquetas e boas maneiras, do século XIII até o presente, para

mostrar que os nossos hábitos cumprem um estágio de uma evolução milenar. Elias analisa a história dos costumes, concentrando-se nas mudanças das regras sociais e no modo como o indivíduo as percebia, modificando comportamento e sentimentos (ELIAS, 1994).

2 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO VALE DO TAQUARI

Para entender a formação da comunidade de Sampaio e de outras da região, ou mesmo, as que se formaram em várias regiões do Brasil, é necessário compreender os motivos que levaram tantos alemães a emigrar para o Brasil, a partir de 1824, e conhecer um pouco da história brasileira e da história da imigração.

Apresentaremos em primeiro lugar um quadro histórico da imigração no Rio Grande do Sul, mais especificamente, no Vale do rio dos Sinos e no Vale do Taquari e na seqüência apresentaremos um relato sobre a ocupação do Vale do Arroio Sampaio, continuando após com as particularidades sobre a comunidade de Sampaio.

No dia sete de setembro de 1822, o Príncipe Dom Pedro I proclamava a Independência política do Brasil.

Alguns anos antes, em 1808 a Família Real Portuguesa havia fugido para o Brasil, a bordo de navios ingleses, que lhe davam cobertura para escapar da invasão das tropas napoleônicas. Derrotado Napoleão, nada mais impedia o regresso de Dom João VI a Portugal, fato ocorrido em abril de 1821. Com o retorno da família real, o Brasil deveria voltar à condição de simples colônia, o que deixara de ser desde que fora incorporado ao Reino Unido de Portugal e Algarves. Nem as autoridades brasileiras e nem o Príncipe Regente, Dom Pedro I, poderiam concordar com essa situação, o que levou à proclamação da Independência.

Essa proclamação, porém, encontrou uma série resistências no país, uma vez que, as autoridades das províncias mantinham-se fiéis à coroa portuguesa. As tropas fiéis a Portugal teriam que ser submetidas, o que aconteceu em 1823. No entanto, para consolidar a emancipação militar, teria que ser formado um exército para fazer frente à reação da Metrópole, que não concordava com a perda da colônia.

Como não havia soldados suficientemente preparados no novo país, seria necessário trazê-los do exterior. Além de soldados, eram necessários, também, colonos que, instalados no sul do país, poderiam povoar a região e ajudar na consolidação das fronteiras com os vizinhos, Argentina e Uruguai. Por recomendação de Dona Leopoldina, arquiduquesa da Áustria e filha do imperador Francisco I, com quem Dom Pedro se casara em 1816, a decisão foi a de trazer

ao Brasil não somente soldados, como, também, colonos alemães, uma vez que, milhares deles estavam desempregados desde o fim das guerras napoleônicas.

Essa missão de angariar colonos e trazer soldados alemães para serem engajados nos batalhões de estrangeiros brasileiros, tinha um nome, o do Major Johann Anton von Schaeffer. Ele havia chegado ao Brasil em 1814 e conseguira granjear a amizade da Imperatriz Dona Leopoldina, pelo interesse comum que ambos mantinham por ciências naturais.

Empossado como “Agente de afazeres políticos do Brasil”, Schaeffer encontrou inicialmente, grandes dificuldades em contratar soldados na Alemanha. A contratação de soldados por outros países estava terminantemente proibida desde o congresso de Viena de 1815 porque as potências européias da época (Prússia, Áustria, Inglaterra e Rússia), não tinham a intenção de permitir o surgimento em um novo “Napoleão” para atormentar as suas terras. Por outro lado, o imperador Dom Pedro I, com a independência do Brasil, era considerado usurpador do poder, um rebelde que havia traído as cortes portuguesas, assumindo o comando de um novo país (PELLANDA, 1925).

Contudo, apesar de a proibição existir em todos os estados alemães, em alguns também existia o direito dos cidadãos à emigração. Principalmente nos estados da atual Renânia onde, pela proximidade com a França, a destruição pelas guerras napoleônicas tinha sido maior e, também, era uma das regiões onde os efeitos do fim do feudalismo se fizeram mais acentuados. Camponeses que abandonavam suas terras esgotadas não encontravam trabalho nas cidades, já repletas de artesãos desempregados pela explosão demográfica. Por outro lado, a revolução industrial compelia os setores industriais e manufatureiros à substituição da sua mão-de-obra humana por máquinas que tinham a capacidade de produzir mais e com maior qualidade. A saída para essa população era a emigração.

O que facilitava a missão de Schaeffer era a oferta do governo brasileiro aos colonos, que era a propriedade de 77 hectares por família, além de ferramentas, gado de tração e de leite, sementes, auxílio financeiro durante os dois primeiros anos de assentamento e isenção de impostos nos dez primeiros anos de trabalho na terra.

Para não chamar a atenção das autoridades alemãs, Schaeffer embarcava soldados disfarçados e mesclados entre as famílias de colonos. No período entre 1824 e 1830, embarcaram com destino ao Rio Grande do Sul, aproximadamente cinco mil colonos

entremeados de outros tantos soldados, que permaneciam no Rio de Janeiro, engajados nos batalhões de estrangeiros.

Desembarcados na capital da Província de São Pedro, depois de recepcionados pelo seu Presidente, ficavam alojados na extremidade sul do porto, em prédio do Arsenal de Guerra, nas proximidades da atual Usina do Gasômetro. Para o transporte até São Leopoldo, conhecida na época por “Faxinal do Courita”, os meios utilizados foram lanchões toldados, movidos à vela e a remo. Em carretas os colonos chegavam à Feitoria do Linho-Cânhamo, estabelecimento fabril destinado à produção de cordoalhas largamente empregadas na navegação e que havia sido desativada no início de 1824, pelo Governo Imperial, diante dos sucessivos resultados negativos e cuja administração ainda estava nas mãos do inspetor José Thomaz de Lima. Com o encerramento das atividades da Feitoria, os 321 escravos que nela trabalhavam foram encaminhados à Corte do Rio de Janeiro. As duas léguas de terras, correspondentes a 180 colônias (cerca de 8700 hectares), foram medidas e divididas em lotes. As construções compreendiam o prédio principal do estabelecimento fabril (do qual é preservada até hoje a sua parte frontal, transformada em Museu do Imigrante) e outros 81, que foram destinados para abrigar os colonos alemães enquanto aguardavam o recebimento dos seus lotes de terras. A essa leva inicial, composta de 39 pessoas de nove famílias, seguiram-se outras, resultando num total de 5.350 imigrantes alemães que entraram no Rio Grande do Sul, no período de 1824 a 1830 (PELLANDA, 1925).

Segundo Ernesto Pellanda, as condições assumidas pelo governo brasileiro para trazer imigrantes alemães, eram as seguintes:

- 1º - Pagar as passagens dos alemães que quisessem vir colonizar o Brasil;
- 2º - Admiti-los como cidadãos brasileiros, cujo foro gozariam a partir da chegada;
- 3º - Não restringir a liberdade ao culto religioso professado pelos colonos;
- 4º - Dar a cada colono e cada chefe de família, uma propriedade de terreno livre e desembaraçado, medido e demarcado, com uma área superficial de aproximadamente 77 ha, parte em campo, terras para lavoura e, parte em marta virgem;
- 5º - Conceder gratuitamente como propriedade livre e a cada colono ou em proporção ao tamanho das famílias, cavalos, bois, vacas, ovelhas, porcos, etc.;
- 6º - Pagar a cada colono diariamente, durante o primeiro ano, a quantia de 160 réis e no segundo ano, a metade (80 réis) por cabeça, indistintamente;

7º - Serem colonos, durante os primeiros dez anos, isentos de pagar direitos, tanto de seus rendimentos, como de qualquer outro objeto e serem isentos durante esse tempo, de qualquer serviço do Estado;

8º - Os colonos receberiam tudo gratuitamente e como propriedade livre, porém não poderiam alienar nada disso nos primeiros dez anos – acabado esse prazo, poderiam dispor de seus bens, pagando o dízimo do produto de suas lavouras;

9º - Os colonos ficavam ainda obrigados a formal renúncia à sua nacionalidade de origem (PELLANDA, 1925).

As condições prometidas não foram asseguradas na íntegra aos imigrantes quando estes chegaram ao Brasil, fato que gerou fortes pressões contra a emigração na Alemanha, fazendo com que o governo brasileiro mudasse as regras, tentando garantir a continuidade do plano.

Novos contratos foram firmados a partir dessa data, sendo suprimidas as condições 1ª, 3ª e 4ª, ficando os colonos obrigados ao pagamento das passagens, na razão de 120 florins para maiores de 12 anos e 60 florins para menores, entre 6 e 12 anos, além de perderem o direito ao livre culto e às terras, nas condições anteriormente prometidas. A cláusula 6ª foi extinta em 15 de dezembro de 1830, pela lei dos orçamentos, que extinguiu a verba para despesas com colonização estrangeira. Essas alterações geraram confusões e o governo imperial, negando os compromissos assumidos, fez cessar a imigração nesse ano. De 1830 até 1844 a imigração esteve interrompida pela falta de recursos e também, no caso do Rio Grande do Sul, pela impossibilidade de receber e assentar colonos durante a Guerra dos Farrapos. Somente em 1837 foi regularizada a condição dos imigrantes já recebidos em terras gaúchas e novos colonos seriam naturalizados depois de dois anos de residência e isentos de serviço militar, com exceção da Guarda Nacional.

No Rio Grande do Sul, os cuidados relativos à imigração, passaram a ser incumbência do governo provincial, iniciando-se em 4 de dezembro de 1851, através da Lei nº 229, que instituiu agentes para atuar na Europa com a finalidade de trazer colonos para a Província. Os agentes usavam como argumento, vantagens oferecidas pela Província, tais como: cada colono, casado ou viúvo, com filhos receberia um lote de 48,4 ha, subsídios, ferramentas e sementes, gratuitamente, correndo ainda por conta dos cofres públicos as despesas de passagem do porto de Rio Grande às colônias, além de ajuda financeira, durante 60 dias, para a sua instalação e, subsídio de 200 réis para os solteiros e 160 réis a cada pessoa de uma

família, durante 3 meses, desde que fossem reconhecidos necessitados, ficando, entretanto, obrigados a devolvê-lo logo que possível.

A nova onda imigratória alemã foi iniciada em 1844 e, após, 1850, foi assumida pelo governo da Província. Nessa fase, a região do vale do Taquari passa a interessar ao projeto oficial de colonização baseada na pequena propriedade rural. O governo, preocupado em ampliar o espaço para a colonização, incluiu o atual Vale do Taquari nas suas pretensões, solicitando informações à Câmara de Vereadores de Taquari. Essa câmara, reunida em sessão de 10 de julho de 1852, resolveu oficiar ao presidente da Província, relatando a disponibilidade das fazendas de Conventos, Lajeado e Boa Esperança, adequadas para desenvolver projetos desta natureza, informando ainda que as terras devolutas existentes na região não ofereciam condições para essa finalidade.

Apesar do interesse manifesto do governo provincial nas terras da região para o estabelecimento de colônias no Vale do Taquari, esse processo a partir de 1850 não foi desenvolvido diretamente pelo governo, mas sim por empresas particulares. Tais empresas estabeleceram-se na região e transformaram a colonização em um expressivo setor de negócios imobiliários privados e agenciamento de colonos, mediante compra de terras de antigos proprietários ou mesmo de terras devolutas. Os agentes imobiliários dividiam essas terras em lotes destinados à venda de agricultores, estabelecendo-se colônias por iniciativa privada, sob supervisão do governo da Província.

Foi sob a Lei de Terras de 1850, regulamentada em 1854, que transcorreu a ocupação e o povoamento da maior parte do Vale do Taquari através do processo de colonização. Os negócios imobiliários de compra e venda de terras tornaram-se bastante significativos a partir dessa década até o final do século, com a atuação de negociantes empreendedores (colonizadores privados) cujas propriedades abrangiam territórios dos municípios atuais de Bom Retiro do Sul até Encantado, além de áreas adjacentes ao nordeste e norte deste último, chegando até Guaporé.

O maior implementador do processo de colonização privada no Vale do Taquari foi Antonio Fialho de Vargas. Conforme o relato de Karam sobre a fazenda Pinheiros sugere que a apropriação de terras por parte do mesmo Antonio Fialho de Vargas, não esteve restrito às compras das mesmas, pois parece referir um caso de aumento de extensão das posses através de inúmeras brechas deixadas pela Lei 1850 e sua regulamentação. Por outro lado, os registros de compra de terras que identificamos alcançam uma extensão que ultrapassa

largamente as indicações de Schierholt sobre a origem e a extensão de terras de Fialho de Vargas (KARAM, 1992). Um estudo de Kliemann afirma que a lei de Terras de 1850, sua respectiva regulamentação em 1854 e as reformas que sofreu “permitiam a transformação da terra em mercadoria, possibilitando que a imigração e a colonização se tornassem para muitos, fonte de especulação e de lucro” (KLIEMANN, 1986).

O negociante Fialho de Vargas, com a finalidade de atrair colonos estrangeiros, firmava contratos provisórios na Alemanha, os quais eram transformados em contratos oficiais com a chegada dos imigrantes ao Brasil. O empresário financiava o comprador, tanto na compra das terras, como na de sementes e na alimentação até a primeira colheita, além de conceder adiantamentos, segundo o número de pessoas da família. Assim, um dos pioneiros da Fazenda dos Conventos foi João Gaspar Richter, que assinou um contrato provisório em Hamburgo, em 8 de julho de 1858, pelo qual se comprometia a partir no navio “Neptun”, dois dias depois, para a Colônia dos Conventos, onde devia comprar “um terreno bom o suficiente, de superfície ali em uso e, segundo o preço corrente, a prazo de cinco anos”. Além do financiamento das terras, Richter recebeu de Fialho de Vargas um adiantamento de 210 mil-réis e “as sementes e os víveres necessários para a sua família até a primeira colheita”. A família Richter desembarcou em Porto Alegre em seis de outubro do mesmo ano, depois de quase três meses de viagem pelo mar (SCHIERHOLT, 1993).

O estabelecimento de colonos no território, primeiro de alemães ou filhos de colonos dessa origem (a partir de 1853), depois de italianos (a partir de 1878) veio a modificar profundamente o panorama demográfico e econômico da região, determinando a ocupação de sua parte norte, até então habitada por posseiros e índios.

Observa Schierholt em relação às fazendas dos Conventos e Lajeado: reunidas e situadas à margem direita do rio Taquari, formam a colônia denominada dos Conventos. Compreendendo a área superficial de 10.781,1 ha, esta área acha-se dividida em lotes coloniais de 72,6 ha, que são vendidos a colonos nacionais ou estrangeiros a preço fixo estabelecido no ato da venda a dinheiro à vista ou a prazo e também se vendem meias colônias de 36,3 ha, tudo de acordo com a convenção das partes. Pelo mapa já referido se conhecerá a indústria agrícola e fabril da Colônia, seu número de fogos, população, nascimentos e óbitos, tendo a acrescentar que entre os colonos há oficiais de ferreiros, marceneiros, sapateiros, alfaiates e de outros diferentes ofícios, porém todos e por indivíduos fazem seu meio de vida pela agricultura, prestando-se seus ofícios somente para as

necessidades da Colônia, havendo também um moinho para moagem de grãos de consumo. As terras são da melhor qualidade para a agricultura, produzindo feijão de 100 a 160 alqueires por um de planta; milho, de 180 a 200, e os mais ervais na devida proporção; possui também, a colônia, excelentes e abundantes madeiras de lei para construção e, faz frente, a leste ao rio Taquari e fundo a oeste na Serra Geral, sendo regada ao lado do norte pelo rio Forqueta e no interior por dois fortes arroios: da Anta e Forquetinha que se prestam a quaisquer maquinismos tocados por água. É palpitante a necessidade de que se resente a Colônia de uma estrada de rodagem pela margem direita do rio Taquari, na longitude de três léguas, até a barra do arroio Castelhana, porque havendo nesta distância 11 cachoeiras, não se presta o rio à navegação, senão em certo tempo do ano, e isto desanima os produtores, que às vezes, na melhor quadra da exportação se vêem privados de mandar seus gêneros ao mercado por falta de via terrestre. Esta dificuldade se vence facilmente, construindo-se pontes de madeira nos arroios: Moinho, São Gabriel e Sampaio, e cinco pequenas estivas, pois o terreno já se presta a uma boa estrada de rodagem e o que faltar para isso os moradores se obrigam a fazê-lo, conseguindo-se um porto franco de embarque na Barra do Castelhana, que deverá ser para o futuro o depósito dos produtos da futura e esperançosa Colônia de Monte Alverne e da de Santa Cruz, que já existe, quando se reconhecer a vantagem de comunicar esta com aquela e com a de Conventos (SCHIERHOLT, 1993).

3 A COLONIZAÇÃO NO VALE DO ARROIO SAMPAIO

O vale do arroio Sampaio teve a formação ao longo do tempo, a partir de 1873, de diversos núcleos, sempre norteados pelas lideranças de duas comunidades religiosas. As comunidades, Católica e Evangélica Luterana, embora sendo comunidades independentes, sempre se mantiveram durante a colonização do Vale do Sampaio com o espírito de união e trabalho conjunto, congregando-se em torno do bem comum e das necessidades dos colonos. A incerteza em terras de uma nova pátria, adotada em troca de uma anterior que oferecia valores conhecidos, certamente, foi fator preponderante para que cada colono instalado procurasse se agregar a seus vizinhos, a fim de poder fazer frente às inúmeras dificuldades superiores às suas forças individuais.

Os núcleos formados e hoje existentes no Vale do Sampaio começaram a ser construídos a partir de 1873. Vila Teresinha é o centro principal da região. Sua história, segundo o suplemento especial da Folha do Mate, de Venâncio Aires de 27 de dezembro de 2007, começa a ser contada a partir de 1868, quando iniciou a colonização de Lajeado e Conventos e existia uma densa cobertura de matas, contendo a ferocidade de onças e porcos selvagens. Em 15 de julho de 1873, após embarcarem em Hamburgo no navio Santos e viajarem por 36 dias, chegaram a Rio Grande mais de 100 famílias oriundas da região Boêmia (Böhmer), imigrando para o Brasil. De acordo com a Folha do Mate, “eram alemães e austríacos nascidos em Reichenberg, atual República Tcheca”. Seguindo viagem por via fluvial, os imigrantes passaram por Porto Alegre e Taquari, chegando a Vila Mariante de onde continuaram em carroças puxadas por juntas de bois. Segundo a Folha do Mate, a continuidade da viagem se seguiu por trilhas abertas na mata, oferecendo toda sorte de dificuldades. Quando chegaram à Vila de São Sebastião Mártir (atual Venâncio Aires), na época com seis a oito casas, os colonos foram distribuídos pelos vários loteamentos administrados pela Colonizadora Pereira, dos irmãos Henrique e Antonio Baptista da Silva Pereira em terras de propriedade do coronel André Bello. Foram assentados como sendo os pioneiros da Colônia Sampaio, nesse mesmo ano de 1873, os colonos: Josef Jäger, Anton Uhry, Barbara Röhzler, Wilhelm Weiss, Florian Stöhr, Ignaz Gutstein, Josef Endler, Johann Pilz, Wenzel Reckziegel, Josef Scheibler, Franz Wanderer. Também são considerados pioneiros os colonos que chegaram entre 1875 e 1882 e adquiriram os demais lotes da Colônia de Sampaio, num total de 26, que foram: Peter Schmidt, Grünewald, Peter Finkler,

Albert Brandt, Friedrich Brandt, Albert Radke, Karl Werner, Peter Haas, Johannes Haas, Chimaneck, Eduard Block, Johann Schmidt, Jakob Fleck, Jakob Storck e Paul Uhlmann. Uma colônia de terras tinha o preço na época de 600 mil réis e os colonos tinham cinco anos pagar este valor aos loteadores. Segundo o informativo “A Folha do Mate”, de Venâncio Aires, cada lote de terra tinha 100 mil braças quadradas (aproximadamente 50 hectares), medidas pelo agrimensor Richter, que morava na vila São Sebastião, atual Venâncio Aires (FOLHA DO MATE, 2007).

Uma vez medido o lote de cada colono, iniciava o trabalho. Durante a semana, os homens trabalhavam em seus lotes desmatando e preparando a terra, além de armar as suas casas de madeira com cobertura de palha. Voltavam ao abrigo junto às suas famílias somente nos fins de semana. As dificuldades iniciais eram muitas porque não estavam preparados para o tipo de vida e de trabalho na selva. Derrubaram árvores para construir suas choupanas e transformar a selva em lavouras. Mas não havia recursos para voltar à sua terra de origem. O jeito era enfrentar ou morrer.

Os colonos foram desmatando e semeando. A primeira colheita foi pequena pela adversidade do clima com o excesso de chuvas. Mas, com persistência, dentro de pouco tempo, o solo fértil do Vale do Sampaio recompensou o trabalho e o esforço. As colheitas passaram a ser fartas e o fantasma da fome que os espreitava constantemente na Europa foi afastado definitivamente. Tinha sido muito vantajoso trocar a estagnação do país de origem por uma terra que prometia abundância.

A localidade de Linha duvidosa, parte do Vale do Sampaio, foi ocupada a partir do esgotamento do loteamento, também administrado pela Colonizadora Pereira, de Santa Emília. Conta a Folha do Mate que como a área de Santa Emília já estava toda ocupada, e a Empresa recebendo novos colonos, era preciso avançar para espaços ainda não ocupados, para o norte, em direção ao arroio Sampaio. A colonizadora teria contratado então o agrimensor Hennig para a medição dos novos lotes. Então, Hennig e seus auxiliares, deparando-se com um arroio, imaginaram ter chegado ao fim da linha. Mas, para o agrimensor permaneceu a dúvida, pois ele “tinha a informação de que o arroio Sampaio possuía grande volume de água, bem mais do que o encontrado”. Teria anotado então em sua caderneta: “arroio Sampaio (dúvida)”. Esta teria sido a origem do arroio Duvidoso, um afluente do arroio Sampaio, originando a Linha Duvidoso, nome que passou mais tarde, a partir de 1930, para Linha Duvidosa. A localidade teria sido criada entre os anos de 1873 e 1874, data da provável

chegada do colonizador Peter Angnes, conhecido por Wald Pitt, considerado o pioneiro do lugar (FOLHA DO MATE, 2007).

As localidades de Linha Andréas e Linha Santana faziam parte da região do Vale do Sampaio, conhecida por Alto Sampaio e ocupavam toda a parte alta do vale, até a sua nascente. Hoje, a localidade conhecida por Alto Sampaio é somente a parte mais alta do vale, onde se localiza a nascente do arroio, nas costas escarpadas da Serra Geral. Segundo a Folha do Mate, a mais provável origem dos nomes dessas localidades está associada à religiosidade. Linha Santana tem como padroeira Santa Ana e que teria evoluído para Santana. Existem outras explicações para a origem do nome, mas os registros no mapa de Venâncio Aires de 1930 apontam Linha Santa Anna, que associado à religiosidade de sua gente, leva a deduzir que a formação do nome tenha como causa o nome da santa. Os primeiros colonizadores de Linha Santana eram de origem germânica, originários da Bohêmia e colonizaram a localidade a partir de 1876. Entre os pioneiros constam nomes como: Wilhelm Preussler, Gustav Feix, Franz Bienert, Josef Kaulfuss, Franz Scholze, Josef Seidel, Johann e Franz Rösler, Johann Hossda, Stefan e Wilhelm Scholze, Eduard Sängler, Francisco Lulu de Ramos, Anton Schneider e Friedrich Pick. Segundo a Folha do Mate, o pioneiro luso Ramos teve dificuldade de integração aos usos e costumes dos alemães, o que o levou a se afastar alguns anos depois (FOLHA DO MATE, 2007).

Linha Andréas, segundo o informativo a Folha do Mate, poderia ter seu nome originado na religiosidade, uma vez que o santo protetor da localidade é Santo André (André para os alemães é Andréas). De acordo com opinião da historiadora Hilda Agnes Hübner Flores, o nome poderia ter origem, numa homenagem ao general Francisco de Souza Soares de Andrea, Barão de Caçapava, governante da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul entre 1840 e 1850. Segundo ela, era usual “batizar as localidades com nomes de proprietários-loteadores ou nomes ilustres”. Também poderia ser uma homenagem a um dos pioneiros, Andréas Feix. Existe a possibilidade da referência ao coronel André Bello, dono de vasta área de terras na encosta da serra, entre os arroios, Castelhana e Sampaio. Entre os pioneiros da localidade estão: Heinrich Ludwig, Andréas Feix, Franz Endler, Thomé Flores, Jacob Heussler, Heinrich Wagner, Anton Grünwald, August Seidel, Johann Freder, Johannes Franzosen, Eduard Sängler, João Muniz, Richard Becker, Franz Richter, Claus Damann, Bertolin da Silva, Josef Richter, Jakob Bienert, Wilhelm Weiss Wilhelm Garbrecht, Marcus Dreher, Eduardo da Bandeira, Philipp Schweikert entre outros. As famílias lusas, Flores, Muniz, Silva e Bandeira,

que vinham de ervais nativos, não ficaram por muito tempo entre os imigrantes boêmios pelas dificuldades de socialização, de idioma, de usos e costumes (FOLHA DO MATE, 2007).

Falamos até agora das localidades como Linha Teresinha e Sampaio, situadas em ambas as margens do arroio Sampaio e de Linha Duvidosa, Linha Santana e Linha Andréas situadas à margem direita. Estas localidades da margem direita fazem parte dos atuais municípios de Venâncio Aires e Mato Leitão. As localidades da margem esquerda, Picada Mähler, Sampaio, parte de Linha Teresinha e Linha Santo Antonio, integram parcelas dos municípios de Santa Clara do Sul, Cruzeiro do Sul e Sério as quais foram colonizadas a partir dos loteamentos de Fialho de Vargas. Do Vale do Taquari até o arroio Sampaio as terras loteadas eram pertencentes ao mesmo, enquanto as da margem direita do mesmo arroio até o arroio Castelhana eram de domínio do Coronel André Bello e estavam sendo administradas pela colonizadora dos irmãos Pereira. As poucas informações sobre o loteamento das terras da margem esquerda nos permitem dizer, conforme informações de Schierholt, que essas terras foram loteadas pela Ernesto Heussler Cia Loteadora. Segundo esse autor, em uma síntese sobre os loteamentos a partir das terras de Fialho de Vargas, o da margem esquerda do arroio Sampaio teria acontecido a partir de 1903. Mas, de acordo com as informações constantes sobre o histórico combate e a tentativa de invasão de Santa Clara do Sul pelos Maragatos Serranos, em 1895, estes se alojaram na propriedade de Marcellus Heisler, situada na margem do arroio, exatamente na localidade de Sampaio. Deduz-se, então, que havia propriedades aí, já bem antes de 1903. Ou, poderiam ser descendentes diretos do loteador Heussler, cuja grafia correta poderia ser Heisler, que habitavam a região já antes do loteamento, provavelmente a partir do loteamento de Santa Clara do Sul, a partir de 1870, ou do loteamento da outra margem, a partir de 1873.

3.1 A Comunidade Alemã de Sampaio

Vindos para o Brasil, os alemães trouxeram também seus costumes, seus gostos, sua cultura, suas tradições. Apegados a terra natal mantiveram o uso da própria língua e, especialmente no interior desenvolveram círculos fechados, buscando proteger-se e superar dificuldades.

Embora a grande maioria dos imigrantes alemães se registrasse como agricultores para atender a exigência do governo brasileiro, muitos deles preferiram ficar nas cidades, ou

abandonavam logo o trabalho da terra, em vista dos poucos recursos de que dispunham. Nas cidades passaram a desenvolver habilidades e ofícios artesanais aprendidos na terra natal.

Uma das características dos alemães foi a da constituição de proles numerosas, fato que veio a compensar o pequeno número que aqui se estabeleceu. Ao chegarem à segunda ou terceira geração, já se formavam verdadeiras ilhas culturais. O maior número de filhos representava também mais força de trabalho e, conseqüentemente, maiores possibilidades para progredir. Reuniam-se em torno da capela, inicialmente católica, e, depois, também luterana e de outras confissões protestantes. Davam valor ao ensino e formação de novas gerações, por isso construíram e sustentavam as escolas comunitárias.

Conservavam e transmitiam aos filhos os seus costumes, tradições e valores, demonstrados na vivência da fé, no amor ao trabalho, na preservação da unidade familiar, nas festas populares, com música e danças alemãs, trajes característicos, comidas típicas e apresentações artísticas.

É inegável a contribuição da cultura alemã para o desenvolvimento brasileiro. Assumindo a agricultura, os colonos imigrantes conferiram maior dignidade ao trabalho braçal, antes desenvolvido somente por escravos. Introduziram novas técnicas, como o arado, e o cultivo de novos produtos.

Desenvolveram a pequena propriedade rural. Formaram verdadeiras colônias que evoluíram para cidades. Aceleraram o processo de industrialização com experiências trazidas da Europa. Participaram da criação do sindicalismo e cooperativismo brasileiro. Desenvolveram o ensino através de escolas e universidades. Deram grande impulso as artes, à arquitetura, à medicina entre outras ciências.

Mesmo com todas as dificuldades que os povos imigrantes encontraram nos novos países, como diferenças de idioma, cultura e clima, os alemães promoveram uma verdadeira mudança ao instalarem-se no Brasil.

A primeira delas, segundo o historiador Telmo Lauro Müller, deu-se no aspecto econômico, pois, além de colonos, eles eram artesãos. “Os sobrenomes eram baseados nas atividades que as famílias tinham na Alemanha: Schmidt, ferreiro; Müller, construtor de moinhos d’água; Schreiner, construtor de móveis; Schneider, alfaiate; Schumacher, sapateiro; Wagner, que faz carretas”, para citar alguns, entre outros (MÜLLER, 1994).

Quando da emigração, na Alemanha, já existiam escolas. Chegando aqui, diz Müller, muitas famílias abriram as suas próprias instituições de ensino, já que no interior do Brasil elas eram inexistentes. Assim, contribuíram enormemente para a cultura. “Não é à toa que o Rio grande do Sul tem um dos menores índices de analfabetismo do país”, afirma (MÜLLER, 1994).

Em seu país de origem, essas famílias também já contavam com várias sociedades de canto, tiro e ginástica, que também acabaram sendo trazidas para o Brasil. O historiador relata que a primeira sociedade alemã no Brasil data de 1858 e está localizada em São Leopoldo. É a Sociedade de Canto Orfeu, que funcionou ininterruptamente, mesmo durante as grandes guerras. Em Porto Alegre, surgiu a Sociedade Ginástica de Porto Alegre, a SOGIPA, a primeira sociedade de ginástica do estado (MÜLLER, 1994).

“Todas elas tinham nomes alemães, Mas durante a Segunda Guerra Mundial, houve um período conhecido como nacionalização. Estrangeiros, principalmente alemães, não eram muito bem vistos, chegando a ser perseguidos. Sua língua e o ensino dela, seus cultos e jornais foram todos proibidos, embora toda essa gente tenha contribuído tanto para o país”, lamenta (MÜLLER, 1994).

Ao se instalarem em regiões rurais do Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães trouxeram consigo costumes e tradições que seriam transmitidos às gerações que os sucederiam. Mas já na chegada à nova terra, seus saberes e práticas, iniciariam a passar por modificações. Do mesmo modo que as grossas roupas de lã seriam substituídas por vestimentas de cotim (tecido leve, de linho ou algodão), o chapéu de palha seria adotado para o trabalho em lugar do de feltro e os pesados vestidos escuros das mulheres seriam trocados por aqueles fabricados com tecidos mais leves e claros (ROCHE, 1969). Aspectos referentes às várias dimensões relacionadas ao trabalho e à vida passariam por mudanças.

As colônias alemãs foram formadas em mutirão: os colonos uniam-se para abrir picadas e estradas, erguer casas e organizar as comunidades religiosas, associações recreativas e culturais. Nas localidades, eram logo construídos: a capela, o cemitério, a escola e a moradia do padre ou pastor. Muitas vezes, nos primeiros tempos, a capela era utilizada também como sala de aula e salão de festas. Também havia a casa comercial, a “venda”, em que os agricultores comercializavam (ou trocavam) seus produtos e adquiriam os que não produziam, como sal, café, querosene, louças; ou aqueles que eventualmente não produziam em quantidade suficiente ou produziam de tipo diverso daquele oferecido à venda, como feijão,

açúcar, farinha, chapéus e calçados (FUNDAÇÃO, 2003). Vizinhos e parentes compartilhavam o trabalho nas colheitas, as festividades e o luto.

3.2 A Comunidade na Atualidade

Com o passar dos anos, enquanto entre esses agricultores reduzia-se o tamanho das famílias e crescia a demanda por bens de consumo, as antigas formas de cultivar a terra iam sendo transformadas por maquinários e insumos químicos.

Muitas unidades agrícolas familiares estão associadas à Cooperativa de Suinocultores de Encantado, que tem postos de troca nos municípios da região. Já o sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Clara do Sul, município sede, por serem produtores rurais, tem grande parte deles associados, até mesmo para poder ter a assistência de benefícios sociais.

A comunidade católica de Sampaio congrega grande número de moradores da localidade em torno da sua igreja e das suas atividades religiosas. Os colonos alemães construíram o seu templo como símbolo da sua fé, que é herança da tradição em torno da cristandade que seus antepassados sempre cultuaram com muita intensidade. Distante não mais que alguns metros, a comunidade evangélica luterana também cultua os símbolos cristãos, tal qual a tradição de seus pais no país de origem.

O coral que existia antigamente, não possui mais membros suficientes para o exercício do canto, nem quem toque o órgão. Hoje é cada vez mais, missão do pároco e do pastor, puxar o canto nos cultos religiosos. As pessoas de mais idade tiveram que se conformar em não mais participar do coral nas missas e festividades da igreja. Os jovens estão participando cada vez menos das atividades religiosas e cultos. A tradição dos pais e avós de ensinar filhos e netos em canções dos ancestrais não tem mais receptividade junto à juventude. Os jovens preferem acompanhar músicas e vídeo-clips atuais.

Os jovens estão cada vez mais raros no meio da comunidade. Como as terras estão sendo trabalhadas pelas pessoas de meia idade e os espaços estão esgotados na área agrícola, o fluxo para centros urbanos continua, mesmo com a redução das famílias. A entrada de um jovem para a atividade rural só acontece em substituição a um adulto aposentado rural, o que acontece somente aos 65 anos de idade. O jovem normalmente busca estudar em centro

maior, ou trabalha em alguma indústria da região, As próprias áreas cultivadas vem sendo reduzidas, o que talvez possa ser atribuído à crescente absorção da força de trabalho de jovens residentes na localidade em empregos urbanos, especialmente atividades fabris instaladas nas duas ou três últimas décadas na região, particularmente nos setores calçadista e agroindústrias. Diariamente, ônibus transportam trabalhadores, moradores da comunidade para fábricas, ateliês e serviços da região.

Ainda na Alemanha, aqueles que migrariam para o Rio Grande do Sul, conheciam trigo, cevada, repolho, batata, lentilha, videira, leite, carne de porco, defumados, além dos seus derivados. Aqui, muitos alimentos foram incorporados à sua cozinha, tais como feijão, milho, aipim, amendoim, vários condimentos, frutas de várias espécies, antes não conhecidas. Também o chimarrão e a cachaça (schnaps) foram por eles adotados.

Os agricultores destacam que desde o início da colonização, sempre cultivavam, arroz, trigo, batata inglesa, feijão, milho e as mesmas verduras que continuam existindo hoje, destinados, principalmente, para o consumo da família. O preparo da terra e o plantio eram manuais. Vendiam carne de porco, banha, torresmo, ovos, leite e manteiga, e com isso compravam o que não produziam. Hoje o plantio é direto sem revolver o solo, motivo pelo qual as técnicas agrícolas dispensam essa atividade porque, ao mesmo tempo em que é propensa à erosão do solo, tornou-se trabalho desnecessário. O cultivo na região é cada vez mais a monocultura da soja, entremeado a alguma plantação de milho. O resto é cultivo para a subsistência.

Os itens que estavam presentes na alimentação do dia-a-dia eram feijão, arroz, aipim e batata doce. A batata doce, assada no forno à lenha, era habitualmente levada para a roça como lanche. Também costumavam levar pão, schmier e käschmier, ou se alimentavam de alguma fruta que colhiam ao longo do caminho.

Atualmente, a maioria dos agricultores produz soja para comercialização, milho para a manutenção de animais e produz para o seu sustento, entre outros itens, aipim, batata inglesa, batata doce, amendoim, além de criar galinhas e vacas, sendo que alguns comercializam leite. A cana-de-açúcar, que antes era utilizada para fazer açúcar mascavo, hoje é mais utilizada para produzir schmier com frutas, para consumo. Feijão, dificilmente é plantado porque é melhor vender algum produto para comprar o feijão no comércio. Muitos agricultores aposentados arrendam parte de suas propriedades para vizinhos, que nelas cultivam soja de

forma mecanizada. Outras espécies, como arroz e trigo deixaram de ser atrativos pelo alto custo dos insumos e resultados normalmente frustrados.

A produção de leite sempre esteve presente em muitas propriedades. As vacas leiteiras, assim como o gado bovino em geral, eram tratadas com pasto e, no inverno, também com mandioca e batata doce. O leite era recolhido à beira da estrada pelo caminhão leiteiro todos os dias.

As galinhas, criadas para carne e ovos, ficavam soltas durante o dia, retornando sistematicamente ao galinheiro à noite. Comiam apenas milho e o que encontravam ciscando pelo pátio. Atualmente, a criação intensiva de frangos de corte está muito presente na localidade. O sistema de confinamento requer um manejo alimentar totalmente diferente do tradicional, à base de rações e medicamentos. A família que possui aviário em sistema de integração é proibida pela empresa integradora, que alega risco de contaminação dos aviários, ao criar outras galinhas.

A criação de suínos no sistema tradicional era comum até a década de 1970. Hoje os agricultores alegam que não dá retorno, a não ser, em grande investimento, o que não seria viável para o pequeno produtor. A maioria dos colonos mantém alguns suínos para abatimento e consumo próprio e para ter banha para as próprias necessidades. A expansão do mercado mundial de óleos vegetais traria à região o cultivo da soja e a desvalorização comercial da banha.

Com isso, as antigas raças de suínos para a produção de banha foram sendo substituídas pelo porco branco, em cuja produção é priorizada a carne. O porco comum, tipo banha, era criado solto, na mangueira, sendo tratado com mandioca, milho em espiga e lavagem, feita à base de batata doce, abóbora e restos de comida. Esse sistema de criação modificar-se-ia com as novas raças, que passariam a ser criadas em confinamento e à base de rações compradas ou especialmente preparadas para engorde. Antes o porco era preso para engordar a partir do sexto mês, necessitando de mais seis meses para o abate. Hoje, no sistema de integração, é comercializado a partir de cinco meses de idade.

Mesmo proibido, é comum, entre as famílias que trabalham em sistema de integração, a criação para consumo próprio de outras aves e suínos, realizada escondido ou em propriedade de vizinho. Segundo a informação, os animais criados em confinamento tem carne de sabor menos agradável do que os alimentados de modo tradicional. No caso dos proprietários de

aviários, muitos consomem os frangos que criam, mas para que sirvam de alimento à família, as aves são separadas das demais e, durante um período, alimentadas de modo diferenciado, à base de milho.

Já a carne bovina era de conservação mais difícil, uma vez que, diferentemente do que se dava com a carne suína, não mantinha as suas qualidades quando conservada na banha. Assim, as práticas para conservá-la consistiam em defumar e fazer charque. Para ter carne fresca mais seguidamente, quando o animal era abatido, sua carne era distribuída entre os vizinhos, que por sua vez, retribuiriam em outra ocasião, costume que assegurava às famílias não somente o abastecimento de carne, mas também a manutenção dos laços de sociabilidade. Mais tarde, o açougueiro forneceria, às sextas-feiras, a carne bovina que os colonos adquiriam para o final de semana. E ainda mais tarde, a chegada da geladeira e do congelador tornaria, por um lado, mais freqüente o abate e cotidiano o consumo de carne bovina entre os colonos e, por outro lado, menos comuns as trocas de carne entre as famílias.

Os laços de vizinhança e parentesco eram também atualizados em empréstimos de dinheiro para a compra de terras, no trabalho conjunto, na construção ou reforma da igreja ou escola, mas também nas colheitas, nas freqüentes visitas noturnas e no exercício da religiosidade. Nos cultos religiosos, as famílias que tinham por costume rezar à mesa antes de cada refeição, deviam estar representadas ao menos pela metade dos seus membros, sob pena de não serem bem vistas pela comunidade.

No trabalho das colheitas de milho e soja, era oferecido para as famílias que pudessem ajudar uma galinhada regada a vinho. Os dias de colheita são lembrados como dias de confraternização, de muita confraternização e animação. Com a chegada das primeiras máquinas de colheita, conhecidas por trilhadeiras, aquele que, na vizinhança a possuísse, prestava serviços aos vizinhos. A trilhadeira era puxada por junta de bois até o local da colheita, para trilhar a soja, milho ou outro produto e, todos colhiam e trilhavam em conjunto. Mais tarde, com as colheitadeiras mecanizadas, esse trabalho passaria a ser realizado isoladamente por cada família.

As famílias eram grandes, com dez, doze filhos, e todos trabalhavam. De acordo com uma avó “o primeiro serviço que a criança tinha que fazer era levar água para a cozinha e juntar gravetos para fazer o fogo no fogão à lenha, pela manhã”. Os rapazes, ainda adolescentes, lavravam a terra com a junta de bois (hoje existe o plantio direto sem revolvimento da terra), cabendo às meninas retirar o inço da roça depois de lavrada, para que secasse. Auxiliada pelas

meninas e moças, a mãe realizava o trabalho de casa e arredores e, principalmente, nos períodos de plantio e colheita, também ia para a roça. Eram muitas crianças, e o trabalho nem sempre é recordado pelo que exigia em esforço. Muitos lembram com saudades das brincadeiras infantis, como: esconde-esconde, pega-pega, balanço, carrinho de lomba e brincadeiras de roda, sendo que os brinquedos eram comumente confeccionados pelas próprias crianças. Uma senhora de mais de oitenta anos falou “antes da noite, quando vinham para casa, brincavam de esconder e, até o pai, às vezes, participava...que festa!”.

3.3 “O Patrimônio Cultural Alemão”

Nas colônias alemãs, entre as associações com fins recreativos e culturais, destacavam-se os clubes de tiro, as sociedades de bolão (boliche), os bailes da comunidade e as sociedades de canto. O coral tinha grande importância para as festividades nas igrejas, na escola, então conduzida e administrada pela comunidade, e para cantar a terra natal (heimatlos), a germanidade (deutschum), a verdadeira amizade (wahre freundschaft). A partir das canções, que relembavam a pátria distante e expressavam as suas saudades, tristezas e esperanças, os colonos afirmavam sua identidade (FUNDAÇÃO, 2003).

Com a Segunda Guerra Mundial, o uso do idioma alemão seria proibido no Brasil. Nas colônias alemãs, os cultos e missas, bem como as reuniões das sociedades, que sempre haviam sido realizadas em alemão, passaram a ser obrigatoriamente em português. Muitas das escolas da comunidade foram fechadas, dado que os professores passaram a ser considerados suspeitos de apoio ao nazismo (FUNDAÇÃO, 2003).

Os mais antigos lembram com saudade como aprenderam a ler e escrever em alemão, sua língua de origem. Mencionam a lousa (tafel), o lápis de pedra (griffel), o livro (lesebuch), etc. E com a proibição, à época da guerra, do uso desse idioma, a primeira tarefa da aula seria traduzir palavras do alemão para o português. Muitos eram os colonos (especialmente os mais idosos) que não sabiam se expressar em português, mas que agora se viam obrigados a deixar de falar, rezar e cantar na língua dos seus antepassados. “Essa foi uma época ruim, dizem. Meu pai ficou dois dias na cadeia porque falava alemão, diz o entrevistado de meia idade, evidenciando a aflição vivida pelos descendentes de imigrantes alemães no período.

Mas, especialmente dentro de casa, o alemão permaneceria sendo o idioma vivenciado no cotidiano dos colonos. Até a chegada da televisão, era comum que as crianças apenas viessem a ter contato com o português quando iniciadas na escola. Atualmente, muitas crianças

pequenas aprendem português com os pais, como seu primeiro idioma, o que dificulta que venham a aprender alemão, particularmente, quando passam a conviver, na escola, com crianças da cidade. Isso porque o idioma de seus antepassados é identificado como característico dos colonos/agricultores. As crianças do meio rural sentem-se envergonhadas ao falar alemão diante das crianças da cidade, discriminadas por serem filhos de agricultores.

Os bailes desempenhavam papel importante na sociabilidade desses camponeses, pois aí, não apenas se encontravam para conversar e dançar, mas também, muitas vezes, para arranjar casamentos ou fechar negócios. Os jovens conheciam-se, geralmente, nos bailes e festas de kerb. Segundo Woortmann, até a década de 1960, o kerb era, ainda, ocasião propícia para os arranjos matrimoniais. “Eram três dias de festejos e era a melhor oportunidade para ‘atiçar’ os incautos jovens, pois era uma das poucas oportunidades recorrentes que possibilitavam encontros entre jovens de distintas ‘picadas’” (WOORTMANN, 1995).

Um dos agricultores conta que conheceu a esposa em uma festa de kerb, em casa, pois a irmã dele era casada com um irmão dela. Eram comuns os casamentos que uniam vários filhos de uma família com os de outra.

A cerimônia do casamento ocorria pela manhã e a festa pela tarde. Após a cerimônia religiosa, os convidados seguiam para casa da noiva, era um prato especial. Também havia salada de batatas com farinha temperada (com cebola), frita na banha. Nos primeiros tempos, era comum que as noivas casassem vestindo preto. Mais tarde, os vestidos das noivas seriam brancos, o preto apenas seria utilizado pela noiva que estivesse em luto por algum familiar. A festa era animada por uma banda. Quando os noivos adentravam a sua casa, era comum que a filha menor de um vizinho jogasse pétalas de flores no casal.

Os jovens costumavam também ir, a pé e em grupos, aos bailes de outras comunidades. Mas os bailes não eram freqüentes como hoje em dia. Os principais bailes que ocorriam a cada ano na comunidade eram, além do baile do kerb, o da comunidade, o baile do rei, o baile da chita, em que as moças que quisessem dançar deviam trajar vestido de chita, e o baile de damas, em que, excepcionalmente, cabia às moças a prerrogativa de convidar os rapazes para dançar. Quando o rapaz convidava a moça para dançar, ela devia aceitar o convite ao menos para uma ‘peça’, pois, como conta uma das entrevistadas, com mais de 60 anos: “uma moça decente não podia dar carão” (recusar o convite para a dança).

Nos bailes, dançava-se a Polonesa, em que um casal vai à frente e os demais repetem seus movimentos, e outras danças alemãs, como a dança das fitas (bändertanz), moinho (mühlradl), dança do tecelão (webertanz) e Sr Schmidt (her Schmidt), dança muito comum nas festas de casamento, em que homens e mulheres dançam frente a frente, de mãos dadas (RICHTER, 1994).

Para os mais antigos o baile era “o” acontecimento, e que não era fácil para um jovem obter permissão do pai para participar. A autorização devia ser mediada pela mãe, com até dois meses de antecedência. Quando dois jovens dançavam juntos durante todo o baile, de acordo com uma senhora de mais de 60 anos, “indicava o princípio do namoro”. Namoro escondido, sempre houve. Mas para que o rapaz pudesse freqüentar a casa da namorada, era necessário que pedisse autorização ao pai da moça.

O kerb era a principal festa da comunidade. Como na Alemanha, comemorava o aniversário da igreja, para os evangélicos, ou o dia do padroeiro da paróquia, para os católicos (Moraes, 1981). A festa tinha início com o culto ou missa (respectivamente para evangélicos e católicos), pela manhã. Durante o dia, eram realizadas refeições em família, os parentes, em grande número, vinham de lugares próximos e distantes, e à noite, havia o baile. O salão de baile era enfeitado com palmas, guirlandas de papel e flores (SOMMER, 1986). No baile, as moças trajavam vestidos e sapatos novos e os rapazes, ternos (ROCHE, 1969).

Pelas recordações dos entrevistados, as festividades do kerb como antigamente, foram decaindo a partir da década de 1970. A festividade começava no domingo e terminava na terça-feira. Nesse período, o trabalho na propriedade era interrompido, sendo realizado apenas o estritamente necessário, como a ordenha, por exemplo. Tudo era enfeitado, a Igreja, a Sociedade, a casa, o caminho. Depois, nunca mais houve festividades assim. Eram no mínimo três dias de grandes festividades. Lembram que em Venâncio Aires, a festa de São Sebastião, em Janeiro, durava mais de uma semana. Hoje não tem mais festa, nem baile de kerb. Com antecedência, era dedicado o tempo necessário ao preparo de alimentos e à organização da casa para receber os visitantes. Não era pouco o trabalho necessário para preparar as refeições que seriam oferecidas às dezenas de pessoas que seriam recebidas, assim como para alimentar os animais que as transportariam.

Entre os moradores, algumas famílias recebiam até 30 pessoas num dia. Alguns visitantes ficavam hospedados por uma noite, partindo no dia seguinte, quando chegavam novos parentes e amigos. Outros chegavam já na sexta-feira, enquanto que alguns partiriam apenas

na quarta-feira. Um colono de mais de oitenta anos contou que: “vinham famílias inteiras, de carroça (puxada por bois) ou charrete, enquanto que outros vinham a cavalo”. Vinham do interior, mas também das cidades. Tinha colono que se sentia envergonhado diante das pessoas da cidade, comentava: “nós, uns bobos coitados”, mas era o dia que “eles gostavam de aparecer”.

O culto religioso de kerb era realizado na manhã de domingo. Segundo os relatos, era exigido aos rapazes e moças que estreassem suas roupas novas no culto ecumênico, pois, caso contrário, seriam proibidos pelos pais de ir ao baile. Em geral, era costume comprar roupas novas uma vez por ano, por ocasião do kerb. Um ou dois meses antes da festa, o alfaiate passava de casa em casa, com amostras de tecidos, para tirar as medidas e receber as encomendas das fatiotas para homens. Segundo uma senhora de mais de 60 anos, as mulheres usavam vestidos, pois “se a mulher usava uma calça...depois se apontava com os dedos”. A mãe ou a vizinha fazia o vestido, já que, “toda a mulher tinha que ter uma máquina de costura em casa”.

Após o culto religioso, todos eram recepcionados na porta da igreja, pelos músicos. Em seguida, antes de irem para casa receber seus visitantes, dirigir-se-iam, precedidos pelos músicos, ao som de marchinhas, ao salão, onde o coral cantaria algumas canções e, ao som da banda, dançariam algumas músicas, uma pequena amostra do que seriam os bailes, que teriam início ao anoitecer e término ao raiar do dia seguinte.

Na noite de domingo, contou um colono de mais de 60 anos, realizava-se “o baile dos jovens” e na segunda-feira “o baile dos velhos”, os casais, enquanto que no baile da noite de terça-feira todos podiam participar. Nos bailes, além das danças animadas pela banda, eram organizadas várias brincadeiras. Aquele que conseguisse subir o ‘pau de sebo’, receberia um prêmio, geralmente uma dúzia de cervejas. Já aquele que arrancasse alguma das garrafas enfeitadas penduradas no teto do salão, as kerbflasch (garrafas de Kerb), se obrigava a pagar seis cervejas.

Nos dias de kerb, segundo Richter, eram servidos massa, arroz, batatas, porco assado, assado de gado, galinha recheada, tripa e bucho recheados, bolinhos de carne, chucrute, sopa e saladas. O café da tarde, preparado pelas mulheres enquanto os homens jogavam carta, era composto por: cuca, lingüiça, rosca de polvilho com schmier, mel e requeijão, além de tortas e bolachas caseiras de variados tipos e com coberturas especiais, conhecidos por toss.

Uma das bebidas de kerb, conforme relataram os moradores mais antigos, era a spritzbier, uma espécie de cerveja caseira preparada pelos próprios colonos, à base de gengibre. Cada família produzia entre 40 e 50 garrafas, mas muitas eram perdidas, pois, devido à pressão, freqüentemente estouravam. Os colonos também produziam seu próprio vinho. Com o passar do tempo, a partir dos anos 60, passaram a comprar, em engradados, a cerveja e a gasosa. A gasosa era a alegria das crianças, pois eram raras as ocasiões em que tinham a oportunidade de saboreá-la. A cerveja era produzida em uma fábrica situada em uma localidade próxima, Costão, no município de Estrela. Uma semana antes do kerb, passavam de carroça, vendendo engradados de cerveja. Outra bebida bastante comum era a framboeza, elaborada a partir de uma essência adquirida em farmácia. A essência era fervida com água e açúcar, transformando-se em xarope que depois de esfriado, era misturado com água e servido como refresco.

Os almoços contam os informantes, realizavam-se nos porões das casas. Os alimentos eram dispostos em uma grande mesa, rodeada por bancos de madeira em que se acomodavam os convivas. Os preparativos começavam cedo. A carne bovina era rara. Mais comuns eram a carne suína e a galinha. Os porcos eram abatidos já na manhã de sábado. As carnes eram assadas no forno a lenha, no pátio. Também eram servidos: lingüiça, bolinhos de carne e massa, prato reservado às datas especiais, assim como as batatas fritas. Quando era realizada a colheita, as batatas menores eram já separadas, para que viessem a ser descascadas e fritas na banha, inteiras, nos dias de Kerb. Como diz o colono informante de mais de 60 anos, “as mulheres se juntavam (reuniam) dois dias antes da festa, para descascar as batatas”.

Em algumas casas, costumava-se servir como entrada um prato de sopa, sendo que esse prato seria trocado por outro, limpo, para os demais alimentos. Com o passar do tempo, a galinha recheada passou a ser também um prato presente à mesa dos almoços de kerb. Nas saladas, eram servidas as diversas verduras produzidas na horta. O chucrute, disse uma senhora de quase 80 anos, que não podia faltar, meses antes vinha sendo armazenado no porão, tendo sido preparado à base de repolho picado acrescido de sal, colocado em um recipiente de barro, no qual era prensado por uma pedra disposta por cima.

Também com antecedência eram produzidas pelas mulheres as bolachas caseiras (toss), de diversos tipos: de farinha (mehl toss), de merengue com polvilho (schnee toss), de melado ou mel (sirop ou honich toss) e de nata (ram toss). Do mesmo modo, eram preparadas muitas cucas, bolos e doces de frutas em calda, feitas à base de açúcar, ingrediente utilizado apenas

em ocasiões especiais. Uma sobremesa que não podia faltar era o sagu de vinho. O leite condensado era feito em casa. Segundo os informantes, apenas mais tarde as tortas doces e os cremes de leite seriam incorporados ao cardápio do kerb.

Atualmente, o kerb ficou reduzido ao dia da padroeira, com culto religioso no domingo pela mahã e não existe mais o baile do kerb (kerbpal). Aliás, não existe mais o baile do rei (könichpal), o baile das damas (damepal), o baile da chita (chitapal), e outros bailes tradicionais do passado. Existem os de hoje: baile de carnaval, baile do chop e alguns outros. As bandinhas foram substituídas por concorridos conjuntos musicais e já não se pratica a dança da Polonesa, que era tradicional. Alguns visitantes ainda aproveitam a ocasião para visitar parentes e amigos no dia do kerb, mas sem as atividades de antigamente, relatam nossos informantes. Agora os visitantes já são poucos e raramente pernoitam nas casas dos seus anfitriões. Os poucos que vem de fora da comunidade, de centros urbanos próximos ou distantes, são filhos migrados, que trazem suas famílias em visita à terra natal, à casa paterna.

Para algumas famílias, as festas de aniversário, que antes não eram comuns, sendo realizadas apenas por uns poucos colonos mais abastados, passaram a ser ocasiões privilegiadas para as reuniões familiares. Assim, o kerb, festa comum a toda a comunidade, parece ceder lugar àquelas que privilegiam datas comemorativas individuais.

No almoço de domingo de kerb, hoje as famílias comem churrasco, salsichão, carnes suína, bovina e galeto, maionese e outras saladas. De sobremesa, costumam servir sagu, doces em calda, torta doce e pudim. Na mesa do café da tarde, além das sobremesas, permanecem presentes a cuca e o bolo, não mais feitos em casa e, sim comprados na confeitaria, acompanhados de diversos tipos de salgados, como pastéis e coxinhas. Os ingredientes agora utilizados na preparação dos pratos são, em boa medida, adquiridos, o que segundo uma informante de mais de 60 anos, tornaria excessivamente dispendiosa a realização de uma festa de dimensões como as realizadas antigamente quando, diz ela: “tu vendia vinte litros de leite e fazia o kerb”.

3.4 Modo de Vida em Sampaio na Atualidade

Para os jovens da comunidade, o baile do kerb é coisa do passado e dificilmente poderá voltar a acontecer. Eles se encontram a cada final de semana com realização de atividades e festinhas, em que confraternizam, namoram, ficam, bebem e dançam, nas comunidades ou nas

cidades próximas, em um raio de distância que agora, percorrido em carros ou motocicletas, leva as suas necessidades para qualquer lugar e em qualquer tempo.

A redução do número de jovens da localidade e de seu interesse em participar das atividades comunitárias, mencionado por alguns deles e por outros moradores da localidade é destacada pelo seu engajamento cada vez que necessário. Mas o que eles preferem mesmo é de participar daqueles eventos que lhes são mais pertinentes e para os quais tem mais afinidade. Trabalham voluntariamente acompanhados dos seus familiares, promovendo a organização, divulgação, preparação e realização de eventos para a juventude da comunidade e em outras atividades que lhes sejam afins nos seus interesses. Certamente, como disse um dos jovens de menos de 20 anos: eles querem estar livres, fazer o que é deles e, as coisas que não estão voltadas para seus interesses, serão cada vez mais deixadas de lado. O tempo desses jovens que tem as suas atividades voltadas para os seus relógios, nas atividades estabelecidas nas empresas em que trabalham, não é o mesmo que o daqueles que plantam e colhem nas suas propriedades, que regram as suas atividades a partir das mudanças climáticas, da variação de extensão dos dias, do desenvolvimento dos cultivos. É o tempo marcado pelo relógio, o do horário do ônibus, o do apito da fábrica, o do livro-ponto. É o tempo acordado entre pessoas ou empresas em contrato.

A jornada que delimita um número fixo de horas diárias de trabalho e o tempo livre nos finais de semana, bem como a possibilidade de obtenção de uma renda autônoma em relação à unidade familiar ou, mais especificamente, o acesso ao consumo que essa renda possibilita, parecem ser, segundo os jovens que participaram das nossas informações, os principais atrativos exercidos pelas ocupações não-agrícolas. Mas não é apenas para evitar gastos com aluguéis que tantos jovens permanecem residindo nas casas de seus pais. Hoje, com as facilidades existentes de comunicação e transporte, o meio rural é por eles afirmado como o local de moradia desejado, seja por ser considerado mais calmo e menos violento do que a alternativa urbana, ou seja, porque ali têm acesso a alimentos que consideram mais saborosos e saudáveis. Ou, mais importante, porque aí estão suas famílias e seus amigos. Ao contrário do que parecem acreditar seus pais e avós, para esses jovens, é intenso o sentimento de pertencimento à comunidade, sendo muito valorizada a rede de sociabilidade de que fazem parte. Vários foram os jovens que afirmaram que seu futuro está na comunidade, colocando-se como continuidade daquilo que terão realizado seus antepassados. Vejamos o que se pode depreender do depoimento de um dos rapazes que trabalha fora e mora na casa dos pais, de pouco menos de 30 anos e que não participou diretamente das nossas conversas: diz ele que

“a nossa propriedade tem 27 ha e mais alguma coisa de terra. O dia em que meus pais não puderem mais, é certo que vou voltar para casa(...). Por enquanto, até que o pai e a mãe estão bem e eu estou fazendo a minha vida. Comprei carro e várias coisas que me interessavam, mas o dia em que o pai e a mãe não puderem mais, eu volto para casa. (...) Eu falei em casa, já. (...) A terra do meu bisavô, do meu avô, do meu pai, e chegar a minha vez, pegar e vender, sem mais nem menos, também não dá. (...) Eu me criei na roça, com sete, oito anos estava dirigindo trator e trabalhando na roça, chegou uma hora que eu vi que não dava mais, chegou a hora de eu ganhar meu próprio dinheiro, me virar, não depender mais de casa... (...) mas quando chegar a minha vez...”

É bem verdade que, na agricultura e na alimentação, assim como nas demais dimensões de trabalho e da vida desses colonos, muita coisa tem se alterado. Temos que, ao lado dos novos hábitos, costumes e tradições, convivem saberes e práticas herdados dos familiares. É assim que podemos observar, lado a lado, a convivência de equipamentos, instrumentos e maquinários dos mais modernos, da agricultura ao longo das duas estradas que se insinuam rumo à nascente do arroio Sampaio e, nas proximidades, ver passar um carro de boi que leva o pasto para as vacas. Ou, à mesa do café-da-manhã a mortadela e a margarina, mas também o salame e a käschmier. O sino da igreja, a cada dia, marca a vida do lugar. Afinal, como ensina Woortmann (1990, p. 17), “a tradição... não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro” (WOORTMANN, 1990).

4 IMPACTOS DAS TRANSFORMAÇÕES SOBRE A LINGUAGEM, AS FESTIVIDADES E A RELIGIOSIDADE

Entre as principais manifestações de hábitos, costumes e tradições que tiveram transformações significativas ao longo do tempo na comunidade de Sampaio, queremos destacar neste trabalho: a da linguagem, a das festividades e a da religiosidade. Muitas outras formas de expressão da comunidade e de seus componentes também tiveram transformações, foram extintas, além de terem sido criadas outras novas em lugar de algumas outrora existentes, introduzindo novas formas de comportamentos, outros tipos de atitudes e novas formas de ação.

Nas culturas do solo, por exemplo, podemos dizer que quase tudo mudou. Os tempos difíceis de revirar a terra, antes de qualquer período de plantio, praticamente acabaram. Hoje, o colono, geralmente, faz o plantio direto, evitando a erosão do solo montanhoso da região e com melhor aproveitamento das áreas agricultáveis e para a sua satisfação, obtendo melhores resultados do que no passado. O próprio município de jurisdição da área de uma unidade rural respectiva oferece especialistas em convênio de extensão rural, máquinas e mão-de-obra para orientação aos agricultores, fertilização do solo e aponta para aquelas culturas para as quais existe interesse econômico por parte do município e da região, determinando inclusive que existam formas e meios para a comercialização da produção. Esses incentivos estão voltados também para a criação e produção animal, especialmente, criadouros de suínos, engorda de gado em regime de confinamento, vacas para a produção de leite, além de aves para produção de ovos e aves de corte. Para os atuais agricultores seria inconcebível trabalhar nas condições dos seus ancestrais e, ainda mais, considerando essas condições a agricultura nas pequenas propriedades, pelos seus altos custos, estaria inviabilizada.

Na maioria das pequenas propriedades continua existindo a tradicional policultura de subsistência para satisfação das necessidades mínimas de cada família. Podemos considerar para essa finalidade as culturas de: hortaliças, aipim, batata inglesa e doce, feijão, milho para fazer pão, também para alimentar algumas vacas leiteiras, para sustentar algumas galinhas poedeiras e de consumo, para criar alguns porcos para consumo próprio, cana-de-açúcar para produzir schmia, açudes para criação de peixes, árvores frutíferas de diversas variedades, além de outras. A partir dessa policultura, produzem também para consumo próprio, outros

tipos de derivados e subprodutos, como queijo, nata, lingüiça, etc. Algumas culturas como a de arroz, e a de trigo foram abandonadas por nunca terem apresentado resultados satisfatórios na região. Esses produtos são adquiridos no comércio local, assim como outros, também necessários para o seu consumo.

A grande diferença dos produtores atuais em relação aos do passado, é a de que os de hoje, além de poderem trabalhar com toda essa variedade de culturas, tem a oportunidade de, mediante uma orientação de extensão rural efetiva das prefeituras ou de outros órgãos de assistência rural, podem dedicar-se intensivamente a pelo menos uma atividade, o que poderá trazer-lhes um rendimento adicional e diferencial. Podemos destacar nesse sentido, culturas com bom rendimento na região como: soja, milho, fumo, e outras de menor destaque, ou criação de suínos, frangos de corte, vacas para a produção de leite, gado em confinamento, etc. A tecnificação da produção visando sempre o binômio produzir mais e com menor custo traduz-se, normalmente, em maior lucratividade. Técnicos de empresas que compram alguns tipos de produção marcam presença regularmente em algumas das propriedades rurais e repassam informações sobre as inovações tecnológicas nos meios de produção, que são rapidamente assimiladas e incorporadas para a melhoria dos meios de produção e dos próprios produtos. Em algumas atividades, a produção integrada por grupos de famílias, particularmente para a criação de suínos e aves, tem se mostrado como mais uma boa alternativa para obter melhores resultados. O fator integração para utilização de equipamentos como tratores e colheitadeiras, também tem se traduzido em resultados positivos.

Essa evolução é muito destacada pelos familiares com mais idade, que costumam comentar e conversar sobre as dificuldades de seus antepassados. Contam que quando eles se iniciaram na lavoura, essa situação persistia e que somente a partir dos anos 70 e 80 as melhorias efetivas começaram a acontecer. Os avanços mais significativos somente aconteceram nos últimos anos. Antes, na agricultura das pequenas propriedades mal cabia o sustento das famílias proprietárias das terras e os trabalhos eram realizados manualmente ou à tração animal, o que exigia muito esforço e se traduzia em poucos ou mínimos resultados. Poucos eram os excedentes para serem comercializados e que pudessem traduzir-se em reposição e melhorias de equipamentos agrícolas, melhorias na casa e nas instalações de infraestrutura agrícola e das criações de animais e muito menos para a compra de mais terras para as famílias ou de seus dependentes. Como as famílias eram numerosas, muitas delas trabalhavam quase que exclusivamente para manter-se e a maioria dos seus descendentes era levada a migrar para as cidades porque nas áreas agricultáveis, pelo sistema de produção

vigente, embora se traduzissem na mão-de-obra necessária, as glebas de terras não comportavam mais bocas para consumir. Relatam os mais antigos que muitas vezes perdiam grande parte da produção para as pragas agrícolas. Após o surgimento de adubos, pesticidas e herbicidas tiveram grandes dificuldades para o seu manuseio adequado, pois a assistência técnica, se existia, era insuficiente e quase inacessível. Poucos conseguiam utilizá-la de modo a se traduzir em melhorias reais de produção. A produção nunca era suficiente para acumular excedentes que pudessem significar uma poupança de proporção razoável para as famílias.

Nos últimos tempos, os pequenos proprietários rurais, podendo contar com uma assistência técnica efetiva e tendo o acesso às linhas de crédito da agricultura familiar, as suas famílias passaram a ter uma gradativa melhoria nos resultados de sua produção. Conseqüentemente, essa situação lhes permitiu melhorar suas condições de vida no meio agrícola. As condições de crédito, além de lhes proporcionar a possibilidade da aquisição de máquinas e equipamentos com o conseqüente aumento de produção e geração de excedentes, também lhes deu condições para o acesso a novos tipos de bens de consumo, como carros e motos, assim como na melhoria de suas casas e da infra-estrutura de apoio em suas propriedades.

A melhoria econômica das famílias rurais também se traduz em melhorias de estudo e lazer. Muitos filhos de agricultores passaram a ter condições de acesso a estudos em nível superior. Observa-se o deslocamento diário para centros de estudos universitários nas cidades próximas, como Lajeado e Santa Cruz do Sul. Se por um lado, essa situação pode significar a possibilidade de melhoria para as lides do campo, com especialidades como agronomia e veterinária e até informatização para as propriedades, por outro lado, pode representar mais uma oportunidade de fuga desses jovens do meio rural. Muitos dos que se dirigem para as cidades a fim de estudar, acabam por fixar-se aí, deixando as propriedades sem a linha de sucessão por descendentes diretos, para a sua continuidade. Em outros casos, os filhos acabam dividindo-se entre estudar e trabalhar parte do tempo na cidade e quando retornam, sempre que é possível, contribuem com alguma atividade na propriedade. Como as famílias têm as suas atividades facilitadas pela utilização de máquinas e implementos, cada vez mais se oferecem as oportunidades também para o lazer daqueles que trabalham nas atividades rurais. Os mais antigos comentam que em tempos de atividade mais intensa chegavam a trabalhar até em fins de semana, principalmente aos sábados. Sabe-se pela literatura existente, que os primeiros colonos tinham muito trabalho, partindo para a lavoura muito cedo e só voltavam às suas casas pela noite. Durante a manhã, algum familiar levava a refeição e juntava-se ao

trabalho. Esta disposição para o trabalho, segundo os colonos de mais idade, somente passou a se modificar a partir dos anos 1950 e 60, quando os colonos, com proles numerosas e na impossibilidade de incorporar novas áreas agrícolas, já estavam subdividindo as suas propriedades, começaram a incorporar alguns instrumentos para facilitar e melhorar os resultados do seu trabalho. Já podiam passar menos tempo nas lavouras e nas lides de campo para ter mais espaço para a família, os vizinhos e os amigos.

A partir dos anos 1960 e 70, um grande número de filhos de pequenos proprietários rurais, passou a migrar para as cidades, uma vez que, não tinham mais espaço para se manter nas colônias. Iniciou-se então uma transformação cada vez mais acentuada dos usos e costumes no meio colonial. Muitos saíram para estudar e a cada retorno para a casa dos pais, carregavam consigo novas informações, conhecimentos, linguagem, etc. Outros, já foram para as cidades, para aí definitivamente trabalhar e morar. Mas a cada contato transmitiam os novos valores adquiridos a partir do novo ambiente em que agora habitavam. Cada vez que voltavam ao meio rural carregavam consigo as novidades, as novas companhias, os instrumentos e valores. Jornais, revistas, músicas, etc. passaram a estar cada vez mais presentes no meio colonial. A partir dos anos 1970 e 80, o surgimento de um número cada vez maior de aparelhos de televisão passou a despejar diretamente sobre os habitantes coloniais as informações globais do Brasil Central e do mundo. Estavam aí passos decisivos e definitivos para que muitos dos hábitos, dos costumes e das tradições do meio colonial de Sampaio tivessem transformações definitivas e irreversíveis.

4.1 As Causas da Transformação da Linguagem

Para podermos estudar como evoluiu a forma de expressão lingüística dos colonos na comunidade de Sampaio desde a sua chegada, em 1873, e a fim de podermos acompanhar as etapas da sua transformação, é necessário que consideremos três períodos distintos. O primeiro refere-se ao período da formação da linguagem a partir da aquisição dos 26 lotes em 1873, até a emissão das Leis e Decretos-Leis de 1938 a 1942, período em que a colônia permaneceu fechada em si mesma e se utilizava da linguagem trazida do país de origem. De acordo com Fábio Anschau, todos se comunicavam por variantes da linguagem alemã na comunidade, que acabaram por ser absorvidas pelo “hunsrückisch”, o dialeto da maioria dos imigrantes que provinha da região de Hunsrück. Para o segundo período, podemos considerar como o seu início o que se sucede a decretação dessas Leis entre 1937 e 1942, que eram conhecidas como “Leis da Nacionalização” e que tem o término ao final dos anos 1980. Foi o

período que teve o impacto da adoção obrigatória do ensino em língua nacional nas escolas, seguido do movimento, durante a guerra, em que a proibição da língua alemã, passou a discriminá-los, não por não saberem falar o português, mas por praticarem outra língua, o que era vergonhoso sob o ponto de vista do mundo exterior à colônia. Este período também concentrou a migração maciça de filhos dos imigrantes estabelecidos na colônia de Sampaio rumo aos centros urbanos. Outro fator marcante do período foi o que, a partir dos anos 1970 e 80, começou a dar acesso na colônia às programações das redes de televisão. Os efeitos produzidos pela assimilação desse material tiveram papel decisivo na transformação da linguagem na localidade. Foi o período em que ocorreu uma acelerada transformação nos hábitos, costumes e tradições dos usos da linguagem trazida pelos ascendentes dos alemães. As “Leis da Nacionalização” foram introduzidas com o objetivo de regular desde o ensino em língua nacional, até a proibição da circulação de livros e revistas e jornais em linguagem estrangeira. Também serviram para o fechamento de escolas estrangeiras no país, a construção de escolas públicas nas áreas de colonização estrangeira, o estímulo ao patriotismo, o uso de língua estrangeira em assembléias e reuniões públicas e também para proibir o uso comum de língua estrangeira aos imigrantes, basicamente, alemães, italianos e japoneses, cujos países eram integrantes do eixo contra o qual os dirigentes do Brasil tinham declarado guerra por pressão dos seus aliados norte-americanos. O terceiro período compreende a já consolidação das transformações, a partir dos anos 1990, no qual os mais antigos da comunidade ainda continuam utilizando-se da chamada “linguagem alemã” (hunsrückisch), mas os mais jovens preferem utilizar-se da língua nacional. Quando se estabelecem diálogos entre jovens e mais velhos, ou seja, entre gerações, geralmente a comunicação acaba por adotar a linguagem alemã, mesmo que tenha sido iniciada em língua nacional pelos mais jovens. Neste caso acaba predominando o hábito das pessoas de mais idade. Mas em sentido mais amplo, hoje a predominância é a de estabelecerem-se os contatos entre as pessoas da comunidade em língua nacional em praticamente todas as situações: no lazer, nos esportes, nas ruas e até mesmo dentro maioria das casas dos moradores da comunidade de Sampaio.

Os colonos recém chegados para ocupar os 26 lotes da margem direita do arroio Sampaio, assim como os que tomaram posse de outros tantos lotes da margem esquerda, chegaram às suas novas propriedades entre os anos de 1873 e 1882. Inicialmente, não tinham recursos para pagar alguém para ensinar aos seus filhos, nem tinham auxílio das autoridades públicas nas lides escolares. Algumas crianças não tiveram a condição de aprender a ler e escrever. Não

existia o processo na área pública para dotar de escolas as áreas de imigração. A solução teria que vir dos próprios colonos, que tiveram que organizar as suas próprias escolas. Foi então que, acostumados a freqüentar a escola em seu país de origem e não mais podendo aceitar a situação de ver os seus filhos sem aprender, a comunidade se uniu e adquiriu uma pequena área de terra para construir uma escola com moradia e terra para o professor cultivar. Era a primeira escola comunitária da localidade que funcionava à semelhança das de outras comunidades de colonização alemã. Os imigrantes, inicialmente, escolhiam para professor aquele que, entre os moradores da localidade, apresentava a melhor capacidade para ensinar. Os professores, na maioria das vezes, acabavam por transformar-se em líderes comunitários e auxiliares tanto nas igrejas católica como na evangélica. Na igreja católica tinha sob sua orientação o coral e as programações na igreja e na comunidade. Na evangélica, muitas vezes, tornava-se auxiliar do pastor e das atividades da igreja.

Deste primeiro período existem poucas informações a respeito da administração do ensino. O que se sabe é que o ensino da língua alemã era realizado em alemão alto padrão (hochdeutsch) e que na falta de atitude das autoridades visando à educação nas colônias rurais, os próprios colonos providenciaram aos seus descendentes o acesso à educação construindo um modelo moldado às suas necessidades. No caso, visava ensinar seus filhos em sua própria língua, no caso o alemão, e valorizar sua cultura, sem deixar de lado o contexto no qual estavam inseridos. De acordo com informações dos moradores mais antigos de Sampaio, raras eram as pessoas que freqüentavam as escolas por mais de quatro ou cinco anos, o que era considerado suficiente para as suas necessidades. Quando isto acontecia o aluno tinha que procurar outros centros maiores para prosseguir os estudos e quando retornava, geralmente, era guindado a professor em alguma escola da região. Os colonos achavam que os seus filhos tinham que aprender, basicamente: ler e escrever, o catecismo, a Bíblia, a aritmética, história e geografia, os cálculos para as lides diárias, cantos religiosos e das suas tradições.

Nestes primeiros anos, as colônias funcionavam como ilhas lingüísticas e não havia uma maior necessidade de integração com outras linguagens. O vale do Sampaio era povoado somente por comunidades de colonos de origem alemã, assim como ao redor, só existiam colônias com a mesma origem. Somente ao norte do vale, já no início da Serra, onde encontramos hoje os municípios de Sério e Boqueirão do Leão, é que passaram a habitar comunidades de descendentes de italianos e, os ervateiros, que antes da colonização incursionavam na região foram empurrados mais para o norte, à altura do hoje município de Soledade. Desta forma, aprender a língua nacional, para que? Segundo Seyferth, “(...) é a

língua oficial do país, e por isso torna-se necessário aprendê-la como uma das obrigações de cidadãos brasileiros, mas não usá-la em comunidade, porque traria prejuízos irreparáveis ao *Deutschtum*” (SEYFERTH, 1989).

Em decorrência do nazismo e da Segunda Guerra Mundial, todo esse quadro se transformou. O Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de 1938, conhecido como “Lei da Nacionalização”, passou a exigir o ensino em língua nacional, proibiu a circulação de revistas e livros em língua estrangeira e decretou o fechamento das escolas estrangeiras no país. O Decreto-Lei nº 1545, de 15 de agosto de 1939, instruiu os Secretários Estaduais de Educação para a construção de escolas públicas nas áreas de colonização estrangeira e determinou o estímulo do patriotismo por parte dos estudantes, além do que passou a fiscalizar o ensino de línguas estrangeiras e proibiu expressamente que se fizesse o uso da língua estrangeira em assembleias e reuniões públicas e ainda, proibiu que alguma escola fosse dirigida por algum estrangeiro. O historiador francês Jean Roche aponta outras restrições decretadas pelo governo brasileiro: a língua alemã foi proibida no Brasil, assim como foi proibido publicar jornais em língua alemã, falar alemão em lugares públicos; documentos alemães foram retirados de residências e apreendidos; bibliotecas alemãs foram destruídas; as armas das sociedades de tiro foram tomadas; houve prisões e internações. E complementa Lissi Bender Azambuja: aos descendentes de alemães também era proibida a manutenção de aparelho de rádio em seus lares e quem fosse flagrado ouvindo alguma emissora alemã era preso; proibiu-se toda e qualquer comunicação em idioma alemão, em todos os lugares, tanto públicos, quanto privados, como nos lares, nas escolas, nos encontros sociais e nas igrejas; todo o contato com a língua e com o país de origem foram cerceados; proibiu-se a leitura de livros e jornais em língua alemã, bem como a sua publicação; nem correspondência em língua alemã se recebia ou se conseguia enviar até os anos 1950; promovia-se uma “intensa campanha de aculturação étnica”, inclusive com o fechamento de sociedades culturais, esportivas, recreativas e beneficentes. E então, surgiram os oportunistas e os achacadores para obterem vantagens e trazer pânico à comunidade (AZAMBUJA, 2002).

E surgiu a pergunta: como poderia ser brasileiro quem não falasse o português? Seyferth define: “ainda têm a língua alemã como materna, tenham eles nascido suíços, brasileiros, austríacos, russos, alemães... mas têm sua pátria no Brasil. (...) Considera-se membro de uma comunidade étnica alemã, mas a lealdade política pertence ao Brasil e não à Alemanha” (SEYFERTH, 1989). Certamente os colonos não pararam de falar alemão nas suas colônias, pois os mais velhos nem sabiam falar outra língua. Mas o *Deutschtum* que representava o

“patrimônio cultural alemão” não era mais intocável. As novas gerações iniciavam uma fase mista em que a língua portuguesa viria ao encontro dos teuto-brasileiros através da escola. Os professores vinham tal, qual outsiders, agora inseridos nas comunidades alemãs, para serem os novos propagadores do que era o certo e do que deveria ser ensinado. Os moradores das comunidades que não sabiam a língua nacional, ou a falavam errado e ainda eram denunciados por seu sotaque passaram agora a ser os excluídos ou outsiders. Norbert Elias em sua obra “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade” coloca bem esse contexto de disputa de poder, em que estar incluso, torna as pessoas as mais fortes e estar excluído reduz a condição de poder, quando diz: “No fundo sempre se trata do fato de um grupo exclui outro das chances de poder e de status, conseguindo monopolizar essas chances”. E continua: “a exclusão pode variar em modo e grau, pode ser total ou parcial, mais forte ou mais fraca”. A nova situação cultural os colocava agora como excluídos e alienígenas em função de sua descendência e pela sua linguagem. Eram inferiorizados pela sua origem, pela sua cultura e pela sua língua. Deviam se envergonhar por habitar um país e não saberem falar corretamente a sua língua. Nos discursos perante as autoridades eram chamados os professores porque estes sim é que falavam bem. E todos passaram a fazer o possível para aprender a falar corretamente o português porque esta era a nossa linguagem oficial. Para Lissi Bender Azambuja, a rejeição promovida pelo nacionalismo fez com que a língua alemã, que era intensa e viva em suas comunidades, declinasse rapidamente e perdesse seu espaço (AZAMBUJA. 2002). Somente em 1987, a Secretaria de Educação, em nível estadual, implantou um projeto que passou a prestigiar novamente o plurilingüísmo existente no Estado. Mas, o longo tempo sem o acesso à cultura e à língua alemã nas escolas acarretou perdas irreparáveis, como o seu desuso pelos descendentes e ruptura de um projeto maior na comunidade: de valorização da cultura e língua alemã e promoção efetiva da cidadania.

O segundo fator importante que também contribuiu decisivamente para que ocorressem transformações na linguagem dos moradores da comunidade de Sampaio, encaminhando a adoção do português como a linguagem padrão de comunicação em lugar do alemão, se estabeleceu simultaneamente ao processo de migração de muitos dos seus filhos para centros urbanos. Como muitas famílias constituíam proles muito numerosas, o que inicialmente se constituía em multiplicação de ajuda nos trabalhos manuais das lavouras, acabou por transformar-se em flagelo porque, esses filhos da comunidade em, não existindo a possibilidade absorção nos meios de produção existentes, nem a de subdividir ainda mais as

propriedades já existentes e muito menos a de ampliar as fronteiras agrícolas para mantê-los na região, teriam que encontrar outras formas de vida para a sua subsistência. Quando o primeiro dos seus filhos conseguiu encontrar sucesso em um centro urbano, logicamente tinha aberto o caminho para que outros o seguissem. A emigração teve seu início na década de 60, teve seu auge nos anos 70 e princípio dos 80, reduzindo-se aos poucos até final dessa década. A partir dos anos 90 continuou existindo alguma migração, mas o que contribuiu mais significativamente para a sua diminuição foi a da conscientização das famílias no sentido de encontrar o equilíbrio para sobrevivência dentro de sua própria comunidade. Outras formas de adaptação ao meio também passaram a contribuir para que alguns dos seus filhos continuassem residindo nas casas de seus pais, tais como: as urbanizações de localidades próximas que, transformando-se em novos municípios, passaram a oferecer novos postos de trabalho; as ampliações dos meios de transporte que passaram a possibilitar os deslocamentos diários para centros de trabalho criados nas proximidades e, também para os centros urbanos maiores; a intensificação de algumas atividades na produção rural, na criação intensiva de animais para abate, produção de leite e ovos, etc. mediante assistência rural especializada dos municípios e das empresas interessadas na compra e desenvolvimento dessas atividades.

Os efeitos dessa migração para outros centros não tardaram a aparecer, uma vez que, toda essa legião de emigrados continuava mantendo contato com as suas origens. Esses filhos da comunidade, que agora passariam a transferir as suas experiências dos seus novos ambientes, a incorporar os novos hábitos culturais, a envolver-se com novos costumes e outras formas de vivência, a absorver tradições de outros povos, também teriam agora, para se fazer acompanhar, as novas amizades e companhias nos seus deslocamentos a cada volta para essa comunidade. A carga de todo esse material adquirido pelos emigrados passaria a atuar cada vez mais sobre a comunidade, acarretando transformações irreversíveis, não somente em relação à linguagem dos seus membros, como também sobre o seu modo de vida, sua forma de pensar, de agir, de se comunicar, etc. Ou seja, a partir de agora passaria a ter uma forma de encarar a vida e o mundo como um todo.

O terceiro fator que também foi decisivo para a transformação, não somente da linguagem, mas, também dos hábitos, costumes e tradições, etc. na comunidade de Sampaio foi o advento dos meios de comunicação de massa. A entrada do rádio, a partir dos anos 50, não se fez sentir com muita intensidade. Mas a entrada das programações da televisão, a partir da década de 70, passou a transformar, aos poucos, toda a forma de viver das comunidades coloniais. À medida que as programações de televisão foram penetrando em todos os

ambientes familiares, inicialmente com certa resistência que, aos poucos, foi sendo eliminada, para que acontecesse o despejo direto das programações do centro do país, com as suas cargas de usos e costumes, que foi se impondo sobre as famílias, não deixando qualquer oportunidade para a diversidade cultural das etnias formadoras das comunidades nos recantos mais longínquos deste país. A comunidade de Sampaio, é claro, não fugiu a regra e passou a incorporar os hábitos costumes e tradições transmitidos pelas programações a partir dos centros formadores de opinião do centro do país.

Resumindo, verificamos a existência de três causas principais que contribuíram para a transformação de hábitos, costumes e tradições em relação à linguagem que predominava entre os colonos alemães que se instalaram na comunidade de Sampaio. A linguagem do hunsrückisch que se impôs a partir dos dialetos originados das diversas variantes da língua alemã teve as suas transformações, impondo-se sucessivamente, uma sobre a outra. A primeira causa foi imposta através de Leis e Decretos entre 1937 e 1942, através da imposição da língua nacional nas escolas e proibição de uso da língua alemã pelos imigrantes e seus descendentes até mesmo por livros, jornais e revistas, reuniões, etc. o que causou a quebra do Deutschtum “patrimônio cultural alemão” e obrigou a abertura das colônias alemãs para as outras etnias existentes, além de impor o constrangimento para aqueles que não falassem com correção a língua nacional. A segunda causa se deu com o processo da emigração dos filhos dos colonos que, sempre que voltavam às suas origens, impactavam nos meios coloniais as suas experiências adquiridas dos outros centros nos quais tinham passado a viver, o que adicionado à primeira causa, transformou consideravelmente a linguagem original. A terceira causa que impactou definitivamente a transformação da linguagem alemã para a preferência pela língua nacional, principalmente pelos mais jovens, se deu com a entrada direta nos lares da colônia, das programações televisivas, que impuseram, gradativamente, diferentes formas de comportamento, novos usos e costumes, etc. Tornou-se mais fácil utilizar a linguagem que bate nos ouvidos todos os dias e todas as horas e a qualquer hora.

4.2 As Causas da Transformação nas Festividades

As festividades populares, como a “Oktoberfest”, que hoje são destaque em várias regiões de colonização alemã, representam mais uma tentativa de reavivar a cultura germânica nestas localidades, do que uma real expressão das tradições de uma cultura teuto-brasileira extinta desde a década de 1940 quando o governo Vargas promulgou as chamadas “Leis da Nacionalização”, proibindo o uso da língua alemã pelos imigrantes e seus descendentes. Foi

uma nacionalização que promoveu a perda da sua identidade, tornando-os essencialmente brasileiros. Então, estas manifestações são mais tentativas de alavancar o turismo local do que representações de cultura étnica.

Sabe-se que o imigrante teve que se adaptar ao clima, aos produtos da terra, a um lugar em que, inicialmente, nada existia. Estas dificuldades iniciais forçaram a união de todos para um bem comum. A vida era de trabalho e mais trabalho, todos os dias sem parar, seis dias por semana, enfim, uma vida sem conforto. Além disso, existia a preocupação com o bem-estar dos familiares e ainda o compromisso com a Comunidade. Os ditos alemães vinham dos antigos estados alemães que formam a Alemanha atual, de países como a Suíça, Áustria, República Tcheca, Eslováquia e falavam dialetos diferentes. Eram oriundos de vários países e tinham em suas bagagens uma riqueza incalculável, a começar pela língua, a maneira de se vestir, de se alimentar, das festas, dos costumes, da fé e das tradições. Era uma diversidade muito grande porque cada região de origem tinha as suas peculiaridades próprias.

Os moradores mais antigos recordam com saudade das diversões coletivas nos bailes, expressadas por variados tipos de danças, como a “Polonaise”, as quadrilhas e a dança da vassoura, a dança do chapéu, a dança da coroa, a dança do cesto de flores, a dança da cadeira, além de muitas outras. Argumentam que não existia tanta variedade de diversões quanto às de hoje, mas que tudo ocorria com mais naturalidade, com autenticidade e sem exageros. Os bailes começavam tradicionalmente, apresentando como cerimônia de abertura a dança da Polonaise, seguindo-se com valsas, marchas e polcas e eram finalizados com a dança final ou saideira (o kehraus). O baile era um tipo de recreação, importante como atividade social e presente em praticamente todas as comunidades alemãs. Os imigrantes dançavam e realizavam saraus (schrapp) antes mesmo de organizarem as suas sociedades. Inicialmente, dançavam em chão de terra batida, ao som de alguma gaita. Depois de construído o salão da comunidade, era aí que se realizavam as festas comunitárias, assim como os bailes. Os moradores mais antigos identificam os bailes como atos sociais, porque, ao mesmo tempo em que eram oportunidades em que as famílias se reuniam, também eram local de entretenimento e possíveis negócios. Eram oportunidades para dançar e conversar ao mesmo tempo. No ambiente existia uma intensa movimentação, repleta das tradições alemãs. Os bailes comemorativos mais significativos eram: o do Kerb, originado das festividades do Kerb, o baile do rei, originado das sociedades de tiro ao alvo, onde aquele que somasse mais pontos tinha entrada franca e participava do baile como o rei do tiro e nas sociedades de boliche,

como rei do boliche, o baile da dama, em que o papel de convidar o par era da dama, o baile da chita, onde as damas se vestiam com vestidos de chita.

Os conjuntos musicais que animavam os bailes da época, geralmente incluíam instrumentos como o bandoneon, a flauta e o violino e animavam também festas de aniversário, batizados e casamentos. Como os seus repertórios eram diminutos, compensavam os convidados proporcionando-lhes animação redobrada, quando tocavam e repetiam as músicas mais conhecidas da época acompanhadas por todos os presentes. Mas as festas, em geral, eram animadas pelas bandinhas, que eram o elemento fundamental na vida social da colônia. Inicialmente eram formadas somente por instrumentos de sopro, e acompanhados por instrumentos de percussão. Mais tarde foram adicionados e complementados pelo rabeção, pelo violino e pelo acordeão.

Para os descendentes dos imigrantes existia a tradição de repassar as músicas de pai para filho e de avô para neto. Os cantos em corais sempre foram uma das mais importantes manifestações culturais das comunidades alemãs. O canto popular sempre foi um dos símbolos que exercia uma espécie de vínculo com a terra dos ancestrais dos imigrantes, juntamente com a manutenção de sua língua materna. Cantar as músicas dos antepassados era uma forma de relembrar o passado, o saudosismo, um mundo diferente. Abandonar a pátria, as esperanças de construir uma vida nova num lugar distante, a dor inevitável da partida, enfim, o canto sempre traduziu as lembranças e a saudade do sentimento pela terra natal, em um exercício de mística, cultura e sociabilidade. Para os colonos alemães, a condição de cantar em conjunto as canções conhecidas por todos nas suas festividades, unia-os e remetia-os a um sentimento comum de saudosismo a uma pátria que haviam abandonado, mas que lá estava presente em suas músicas e lhes conferia parâmetros para reorganizar sua nova vida. Muitas canções continuam presentes na memória dos moradores de mais idade, mas os jovens preferem as músicas presentes na mídia atual.

Também era tradição nas colônias alemãs participar dos corais das igrejas, tanto na comunidade católica, quanto na evangélica para atender as celebrações religiosas (missas, ofícios, festividades comunitárias, casamentos, enterros, etc.). Os colonos de mais idade deixam claro que os cantos dos corais, nas festividades, nas missas católicas e nos cultos evangélicos e até mesmo durante os atos fúnebres, sempre deixaram transparecer um aspecto mais pomposo, solene e sentimental a todas as celebrações na comunidade. E lembraram como exemplo, as canções de Natal como: “Stille Nacht” (Noite Feliz) e “O Tannenbaum” (Ó

Pinheirinho de Natal), entre outras. Até a década de 1940, os coros, na sua grande maioria, entoavam hinos somente na língua alemã. Em consequência da segunda guerra mundial e da proibição da língua alemã, houve a destruição da grande maioria dos hinários. Muitos coros também sofreram abalos irrecuperáveis e outros deixaram de existir. Como as escolas comunitárias das colônias alemãs tinham sido nacionalizadas ou extintas e muitos dos seus professores eram os líderes comunitários e regentes dos corais vinculados às paróquias católicas e comunidades evangélicas, com a participação de muitos dos seus alunos, aconteceu o dismantelamento da estrutura básica de manutenção desses corais em muitas delas. Em outras tantas, se mantiveram e até a partir da orientação de lideranças surgidas a partir de integrantes dos próprios corais. Os corais que prosperaram com essas novas orientações tiveram as suas atividades fortalecidas dentro de suas comunidades, tornando-se entidades tradicionais e autônomas de propagação dos valores culturais herdados da tradição germânica. Valores estes, baseados no trabalho, na religião e na cultura.

Os moradores de Sampaio, que não mais podem contar com os corais nas suas comunidades, tanto na comunidade católica, como na evangélica luterana, lembram com saudades dos momentos em que podiam contar com essas animações em seus atos litúrgicos solenes, o que lhes proporcionava uma condição toda especial. Contam que os antigos integrantes do coral da igreja católica até continuaram a prestigiar com os seus cantos os cerimoniais da igreja por algum tempo, mas que, o que realmente acabou com o coral teria sido a padronização das missas e cultos da igreja católica que não mais oferecia espaço para esse tipo de canto. Mais um fator que teria contribuído para a extinção de alguns dos corais teria sido a falta de renovação de seus integrantes porque o público mais jovem, potencial participante, já não manifestava interesse em participar desse tipo de atividade. Existem os que sugerem que um dos fatores ou o principal fator a acabar com a formação de novos cantores teria sido a falta de interesse dos jovens na tradicional musicalidade que os mais antigos passavam de pai para filho. Também lembram que as coisas mudaram muito e que os interesses dos jovens de hoje são muito diferentes dos do passado.

Muitas das tradicionais festividades do passado na comunidade tinham vínculo com as tradições da igreja. Entre as de maior expressão foram colocadas as de comemoração do Natal, da Páscoa e principalmente do Kerb que era celebrado como sinal de agradecimento à padroeira, no local Santa Tereza, originada de Thereza Pikadd, o primeiro nome da localidade. Consta que por volta de 1940, época da nacionalização pelo governo brasileiro das comunidades germânicas o seu nome passou para Linha Teresinha, fazendo parte do

município de Venâncio Aires as terras da margem direita do arroio Sampaio e do município de Lajeado as terras da margem esquerda do mesmo arroio. Posteriormente, em 1992, quando dos desmembramentos dos novos municípios de Santa Clara do Sul e Mato Leitão, as terras da margem esquerda passaram a fazer parte de Santa Clara do Sul e a parte sul da comunidade da margem direita, a partir de um travessão nas imediações da igreja de Santa Teresa, passaram a fazer parte do novo município de Mato Leitão. A parte norte da margem direita, a partir do travessão nas imediações da igreja de Santa Teresa, continuou a fazer parte do município de Venâncio Aires. Com a perda de parte do seu território para Mato Leitão, Venâncio Aires elevou a localidade de Linha Teresinha para Vila Teresinha, a partir de então sede do seu 8º distrito.

É importante observar que os moradores descendentes dos colonos pioneiros, proprietários dos 26 lotes de terras inicialmente distribuídos entre os anos de 1873 e 1882 na Colônia de Sampaio, denominada inicialmente de Thereza Pikadd, são hoje integrantes de quatro sociedades esportivas e recreativas distintas. Os que descendem dos proprietários do primeiro ao oitavo lotes, participam da Associação Esportiva e Recreativa Teresinha localizada na Vila Teresinha, situada à margem direita do arroio, que conta com aproximadamente uma centena de associados. São também associados a essa sociedade moradores da margem esquerda do arroio, além de outros pertencentes a lotes localizados ao norte da Picada em questão. Já os colonos descendentes dos proprietários do nono ao décimo nono lotes, participam da Sociedade Esportiva Sampaio localizada no núcleo central de Sampaio, à margem direita do arroio, que reunindo em torno de 120 associados, transformou-se na maior sociedade da localidade. Participam também dessa sociedade os moradores da margem esquerda do arroio na mesma localidade de Sampaio, mas colonizada a partir de Lajeado e Conventos, margem oposta a dos 26 lotes em questão. É uma sociedade que conta com moradores de três municípios diferentes: Mato Leitão, Santa Clara do Sul e Venâncio Aires. Os descendentes dos proprietários dos lotes vigésimo a vigésimo sexto participam da Sociedade Sampaio, também localizada à margem direita do arroio e formam um contexto social de em torno de 60 associados. Essa sociedade fica ao sul da colônia, no município de Mato Leitão, já mais próxima da sede deste município. Na margem esquerda do arroio, em oposição à Sociedade Sampaio fica a Sociedade Progresso, que conta com aproximadamente 80 associados, sendo a grande maioria destes moradores do município de Cruzeiro do Sul, ainda parte do vale do arroio Sampaio, mas residentes mais próximos da Picada Mähler e da Sede do município de Santa Clara do Sul, área loteada também a partir de Lajeado e

Conventos. Alguns dos associados dessa sociedade são moradores do município de Venâncio Aires, ao Sul de Mato Leitão.

O memorial em homenagem ao Jubileu do Cinquentenário da instalação da colônia de Sampaio (1873-1923), cuja publicação ocorreu em junho de 1923, conta que Thereza Pikadd foi o nome escolhido pelos imigrantes para a instalação da comunidade católica na área da distribuição dos 26 lotes da Colônia de Sampaio, onde os pioneiros costumavam reunir-se aos domingos para conversar, cantar e planejar o futuro. Em uma dessas reuniões decidiram-se pela realização de uma grande festa em louvor e agradecimento à Santa Teresa, santa que tinha sido escolhida para sua padroeira. Cada um dos 26 lotes iniciais adquiridos pelos colonos tinha aproximadamente 50 hectares. Consta que os colonos já tinham transformado a floresta fechada em terra produtiva nas suas novas propriedades para as suas plantações e construído as suas primeiras instalações. Tinham muito trabalho e dificuldade em suas atividades, mas conseguiam produzir o suficiente para pagar os valores dos seus lotes e aos poucos foram prosperando, construindo casas melhores e instalações mais adequadas. Tinham criação de animais que lhes trazia desde a carne, o leite, avos, banha, etc. e as suas plantações produziam o suficiente para as suas necessidades. Era o momento para passar a agradecer à sua protetora pela abundância com que eram recompensados com seu trabalho em suas novas propriedades. E assim, os colonos da comunidade católica de Sampaio passaram a se servir do que produziam para agradecer todos os anos à sua padroeira pelas suas conquistas e para comemorar as suas realizações com a grande festa do Kerb em louvor à Santa Teresa, que passou a ser a festa mais importante dos nossos imigrantes.

A festa do Kerb era tão importante para a comunidade porque, se traduzia em roupas novas, calçados novos e, para as moças, vestidos de festa, etc. Na verdade, algumas semanas antes da festa, a colônia toda já estava com o espírito do Kerb. Pairava no ar um sentimento de satisfação e otimismo, afinal era a festa mais esperada do ano. Os moradores começavam a preparar as suas casas com faxinas gerais. Lavavam as cortinas. Preparavam tudo para receber os parentes e convidados. Faziam as cucas, tortas, quitutes (toss), etc. Faziam carnes, lingüiças, assados de porco, cerveja caseira (spritzbier), bebidas caseiras para as crianças (gasosa), etc. Os preparativos para a festa do Kerb sempre faziam parte da grande festa, que também tinham um sentido maior, que era a união familiar. A igreja e o salão de bailes eram enfeitados, tanto internamente como externamente com ramos, palmeiras e flores. Esse era trabalho para os homens, acompanhados por alguma pessoa que já tinha alguma experiência em enfeites e decorações.

Quando chegava o dia da festa, as pessoas sentiam a empolgação e o otimismo da comunidade como um todo. Todos se cumprimentavam pelo evento. Os parentes mais próximos já tinham chegado na sexta-feira. No sábado e no domingo, participavam todos juntos de todo o cerimonial místico e espiritual, iniciando-se pela missa solene em homenagem à padroeira com a participação do coral, que se esmerava, cantando os hinos e as músicas em duas e até três vozes ou tonalidades diferentes. Todos participavam da comunhão, tendo para isso se preparado antecipadamente. Após o cerimonial, os familiares acompanhados de seus convidados, realizavam os seus banquetes em suas propriedades. À noite, todos os adultos compareciam ao baile, em que se oferecia a oportunidade para as moças conhecerem os jovens disponíveis para possíveis casamentos. No dia seguinte, os parentes se reuniam para juntos passarem o dia, de preferência, na casa da vovó, para conversar, reunir os netos e para aproveitar as sobras (nachkerb), regadas com café e chá.

Na comunidade evangélica luterana não existe culto aos santos, não havendo, neste caso, as festividades do Kerb. Mas, entre os luteranos também existem dias festivos, entre os quais, o dia da reforma, além das datas comemorativas a acontecimentos importantes da luta de seus antepassados para a instalação da igreja da comunidade. As comemorações que no passado se davam com ornamentações de palmeiras, bambus e flores, nos tempos atuais são discretas, estando mais restritas aos atos religiosos, com cultos e cantos festivos afins aos acontecimentos e almoços de integração entre os seus participantes. Para as necessidades de construção e reformas a comunidade utiliza as coletas entre os seus associados, arrecadando os valores para a efetuação das obras. O mesmo acontece em relação aos cemitérios vinculados a comunidade de Sampaio.

Outras festividades também muito lembradas, que eram realizadas na comunidade católica, são as quermesses, que eram realizadas para conseguir fundos para a realização de obras vinculadas à igreja ou à escola comunitária, para a sua reforma, pintura, arrumação do cemitério, conservação da casa pastoral, etc. Neste caso, a comunidade montava toda a estrutura para a realização da festa e se prestava a fornecer todos os ingredientes que fossem necessários, incluindo os trabalhos da festa e, posteriormente para a realização da benfeitoria a ser executada. Benfeitorias menores na comunidade eram realizadas em processos de mutirão.

Os casamentos realizados na comunidade também merecem destaque especial entre as festividades. Eram realizados nas casas das noivas e tinham como convidados todos os

parentes e toda a vizinhança dos noivos. Mereciam os preparativos dos familiares, em destaque dos pais da noiva, com os mais variados tipos de carnes, comidas, bebidas e sobremesas. E para o final da tarde, tortas, bolos e quitutes da mais variada ordem. Eram festas que demandavam o dia todo, com música e danças após o almoço e até o entrar da noite.

Várias outras demonstrações de festividades na comunidade são lembradas pelos moradores mais antigos. Podemos destacar a da primeira comunhão das crianças. À medida que a criança vai ultrapassando certos estágios em sua vida cronológica, de formação religiosa e cultural, está por merecer uma recompensa por estar ingressando com os primeiros passos de participação da vida adulta. A primeira comunhão era o passo em que a criança alcançava a condição de passar a praticar um ato de igualdade em relação aos adultos.

Quais são as causas que motivaram tantas transformações de hábitos, costumes e tradições nos comportamentos sociais dos imigrantes alemães. Como o ocorrido em relação à transformação da linguagem, podemos destacar, em primeiro lugar, que mais uma vez foi decisiva a atuação da quebra do Deutschtum “patrimônio cultural alemão” com a promulgação das “Leis da Nacionalização”. A proibição do uso da língua alemã pelos imigrantes e de seus descendentes promoveu a perda da sua identidade e ocasionou uma descontinuidade na utilização dos seus valores simbólicos em relação à pátria dos seus antepassados. A exposição às outras culturas e o constrangimento que se produziu por não saber falar corretamente a língua nacional, o fizeram fugir dos seus valores, principalmente quando em contato com os “outsiders”, pois diante da nova situação, ele se sentia um “outsider” em relação ao seu novo país, no qual ele produzia tudo o que necessitava. As atrocidades praticadas por muitos dos que continuavam vivendo na sua antiga pátria-mãe, também o envergonhavam por ser descendente dessa Alemanha, que dessa forma o desabonava e isso não lhe servia. Agora os jovens descendentes de imigrantes alemães passavam a negar as suas origens, adotando hábitos, costumes e tradições da nação em que estavam vivendo. A segunda grande causa que provocou as transformações de hábitos, costumes e tradições foi a das migrações para os centros urbanos, com os seus reflexos a cada volta dos filhos à sua origem, trazendo e inculcando nos meios familiares as suas próprias transformações. A terceira grande causa, neste caso, também foi o advento das programações televisivas, que a partir dos anos 1990, passaram a colocar para dentro das casas dos colonos, descendentes de alemães, todos os usos e costumes originados a partir dos seus centros de transmissão.

Para corroborar essas afirmações, podemos dizer que dentro das sociedades na Colônia de Sampaio se contratam os mesmos conjuntos musicais que se apresentam nos centros urbanos e nas demais comunidades do país. Portanto não se pratica mais as músicas trazidas pelos antepassados. Os bailes tradicionais das comemorações das festividades não existem mais, com exceção da do Kerb, que ficou reduzido a um dia, um domingo. Não existe mais aquele clima de festividades como antigamente, mas o dia começa com missa na igreja católica e depois acontece a festa na sociedade. Comidas típicas são servidas aos presentes, assim como as bebidas e é claro, todos pagam, porque os recursos arrecadados servem de lastro para as atividades da sociedade. À noite, realiza-se o tradicional baile do Kerb, com música de banda contratada. Tudo regado à comida e bebida, comercializada pelo caixa da sociedade. Hoje, os bailes são os do carnaval, do chopp, da juventude, além de outros. Comemorações de Páscoa, Natal, foram minimizadas, com as missas com seus contos pré-orientados e as festividades são coisas do passado. Não existe mais o coral na comunidade de Sampaio, assim na maioria das comunidades vizinhas. Quermesses? A maioria não sabe o que significa. Casamentos? Uma das poucas festividades que ainda tem expressão. Não são mais como os de antigamente. Mas de acordo com as posses dos noivos, ocorrem festividades maiores, convidando-se um círculo de amizades mais amplo e outras, mais voltadas somente ao círculo familiar. Outras festividades? São raras e voltadas quase que exclusivamente às quatro sociedades e seus quadros sociais.

A Sociedade de cada comunidade, tradicionalmente serve de ponto de encontro dos associados. Aos sábados e aos domingos muitos comparecem à sociedade para jogar e conversar ou para obter outra forma de lazer. Junto à sociedade fica o campo de futebol, que quando não está em uso para competição, fica aberto para que quem tiver disposição correr e participar de alguma atividade com bola. Geralmente, quem mais aproveita o campo é a gurizada. Também existe ao lado uma pracinha de entretenimento para as crianças, de forma que as mães levam aí os seus filhos para que possam se divertir. Muitos participam de carteados, em blocos de mesas, dentro do salão principal da sociedade. Além dos jogos de cartas, correm paralelamente, no mesmo ambiente, as relações com os amigos e vizinhos, as conversas para as soluções de pequenos problemas, conversas para o andamento de negócios ou, simplesmente para falar sobre as questões do dia-a-dia da vida. Fora do ambiente de carteados, vários outros grupos formam rodas de conversas que, se encontram, normalmente separados por blocos de idade afins.

Mas, voltando e analisando sociologicamente o contexto dos atores no ambiente de jogo, devemos considerar a existência de acordos tácitos entre os participantes dos jogos de cartas porque, para poder jogar, formou-se informalmente um determinado sistema que deve ser respeitado, onde existem normas e obrigações não ditas, mas cumpridas por todos os participantes. O ambiente de jogo é um local onde se pode interagir socialmente: depende da fala, do discurso, da forma corporal, do idioma e, os costumes são essenciais para uma correta comunicação. Em última análise, este ambiente que suporta as relações sociais entre os diversos atores, ao mesmo tempo, também possibilita a satisfação pessoal dos jogadores, que por sentirem-se incluídos no grupo, sentem-se felizes e plenamente integrados no meio social. Assim, os participantes são atraídos inconscientemente para continuar realizando os seus jogos pela satisfação de continuarem inclusos e satisfeitos no ambiente social.

A principal finalidade da Sociedade, hoje é a de servir aos seus associados. Além de servir como tradicional ponto de encontro, principalmente aos finais de semana, o ponto social sempre está à disposição dos seus associados para a realização de casamentos, reuniões, encontros familiares e outros eventos de toda ordem. Já são tradicionais os encontros de descendentes das famílias que imigraram para a Colônia de Sampaio para confraternizações. Como os pioneiros tiveram uma descendência numerosa é comum que um encontro desses agregue centenas de participantes.

É interessante observar que para os imigrantes pioneiros e para os seus descendentes diretos, o ponto de encontro aos domingos e feriados tinha como referência a sua igreja. Mas, posteriormente, a partir de um dado momento e, aos poucos, esse ponto de referência passou a deslocar-se para o seu meio social, a Sociedade. O indivíduo que, inicialmente tinha muito a agradecer por ter deixado os momentos de crise em sua pátria de origem e ter encontrado, apesar das dificuldades iniciais, uma situação muito mais favorável, conquistando uma nova e próspera propriedade em uma nova pátria, a partir de certo momento, preferiu valorizar mais o seu contexto social e as suas atividades de lazer, determinando que o seu novo ponto de encontro aos fins de semana e feriados passasse a se realizar na sua Sociedade. Isto explica, em parte, a redução das presenças nas atividades de muitas igrejas nos finais de semana.

4.3 As Causas da Transformação da Religiosidade

Os imigrantes que se estabeleceram na Colônia de Sampaio trouxeram da sua pátria de origem a fé cristã, além de toda a riqueza das tradições aí existentes no culto à cristandade

com as quais conviviam os seus antepassados. Dentre os adquirentes dos 26 lotes iniciais da nova colônia havia um grupo de novos proprietários que freqüentava a Igreja Católica e o outro que tinha a opção protestante da Igreja Evangélica de Confissão Luterana. Os colonos que pertenciam a comunidade católica construíram a primeira capela em 1898, instituindo como padroeira Santa Teresa, que também passou a ser o nome da comunidade recém fundada, Thereza Pikadd. A decisão de construir a capela tinha sido tomada logo após a pregação das Santas Missões, em 1894. A capela original era de madeira, tendo sido, o prédio atual em alvenaria, edificado em 1921. Junto à capela atual se encontra ainda hoje a cruz de madeira usada durante as Santas Missões de 1894. Antes da construção da igreja as atividades religiosas eram realizadas na escola da localidade, que tinha a função de escola-igreja.

A comunidade evangélica teve o lançamento da pedra fundamental da sua capela em 16 de agosto de 1914 e inaugurou-a em 16 de outubro de 1916. A Paróquia Evangélica de Sampaio foi fundada em 22 de maio de 1922, sendo então também construída uma casa paroquial para morada dos pastores a fim de atender as comunidades vinculadas à nova paróquia. As duas igrejas ficam próximas uma da outra, mas em 1992, com a emancipação do município de Mato Leitão, a igreja católica permaneceu em terras pertencentes ao município de Venâncio Aires e a poucos metros, a igreja evangélica passou para a área emancipanda do novo município de Mato Leitão. Ambas ficam à beira da estrada principal de Sampaio, à margem direita do arroio Sampaio.

Alguns dos primeiros moradores de Sampaio, preocupados com a educação dos seus filhos tiveram a idéia de construir uma casa que servia de escola-igreja. Esta escola-igreja foi construída em Sampaio, nas terras de Konrad Griesang, junto a uma pinguela sobre o arroio Sampaio, onde hoje existe uma ponte de concreto que liga os municípios de Mato Leitão e Cruzeiro do Sul. Esta escola-igreja recebia alunos de toda a comunidade, tanto filhos de católicos e quanto de evangélicos luteranos. Assim as duas comunidades e seus adeptos iniciaram a sua convivência na Colônia de Sampaio, sempre procurando conviver em harmonia, tendo por princípio o espírito de ajuda mútua e o bem comum. Nas festividades e comemorações de cada comunidade tornou-se comum que adeptos à comunidade católica prestigiassem com a sua presença a comunidade luterana, assim como, também adeptos à comunidade luterana se faziam presentes em festividades dos católicos. O princípio do espírito de união e trabalho conjunto, também esteve sempre presente entre os moradores das duas comunidades. Podemos atribuir essa condição, em princípio, ao fato de que todos esses imigrantes serem procedentes de uma pátria certa e adotarem uma nova em condições de

incerteza, fato que os levou a uma convivência em comunidade, buscando cada colono a ajuda do seu vizinho, quando necessário, para fazer frente às inúmeras dificuldades superiores à força de cada um individualmente.

Os imigrantes, uma vez vencidas as dificuldades iniciais e, não contando com um local mais apropriado para reunir-se, tinham por hábito encontrar-se aos domingos na sua igreja. Esta era sempre uma oportunidade para conversar, trocar idéias sobre as suas atividades e planejar o futuro, além de, seguindo a tradição, rezar e cantar. Na época a igreja construída para a comunidade era somente capela, que era vinculada a um centro paroquial distante de onde partia o padre para eventualmente rezar a missa a cada dois ou três meses e, normalmente em dia de semana. Existia um padre em cada paróquia, que tinha que rezar a missa na sua sede paroquial e ainda atender as capelas em dezenas de localidades. Então, era preciso colocar em prática o sistema de rodízio de atendimento às capelas para que todos os fiéis da paróquia pudessem ter uma missa a cada certo tempo. Os domingos de alguma festividade importante eram as exceções que, ou tinham a presença do padre da paróquia, ou conseguiam destacar outro padre de uma congregação religiosa para atender a capela. O centro paroquial da capela de Sampaio a partir dos anos 1950 passou a ser a de Mato Leitão, o que persiste até os dias de hoje. Antes dessa data, pela distância maior e pela precariedade das estradas, raramente havia a presença de padre na capela da comunidade.

Então, na falta de padre para rezar a missa aos domingos, os fiéis da comunidade se reuniam habitualmente para rezar. Sempre aparecia uma liderança para puxar o coro de orações e que também indicava o tom para os cânticos juntamente com o professor da escola que tocava o órgão. Mas, antes de tudo, era uma tradição chegar o mais cedo possível para colocar as conversas em dia, o que para a maioria dos imigrantes e seus descendentes era o atrativo maior dos encontros. Do lado de fora da igreja, os grupos formavam-se espontaneamente. Os homens de um lado debatiam assuntos dos seus interesses e as mulheres do outro, formavam grupinhos diferenciados para os assuntos afins. Os jovens, geralmente formavam grupos diferenciados dos adultos, também separados por sexo. As crianças ficavam brincando e correndo em volta dos demais grupos. Nos dias de chuva e de frio os encontros aconteciam dentro da igreja.

A comunidade evangélica luterana, inaugurada em 1916, foi elevada à condição de Paróquia em 22 de maio de 1922. Isto quer dizer que a partir dessa data tornou-se centro paroquial das comunidades nos arredores. Passaram a fazer parte da Paróquia Evangélica de

Confissão Luterana de Sampaio as localidades de: Boa Esperança, Mato Leitão, Sampainho, Arroio Alegre, Chapadão, Linha Andréas, Vila Deodoro, Linha da Serra, Linha Leonor e Linha Cachoeira. O pastor passou a residir junto à Paróquia, em casa paroquial construída especialmente para essa finalidade e passou a atender todas as comunidades ligadas a sua paróquia. A comunidade evangélica passou a ter uma condição privilegiada em relação à católica, pois existia um pastor sempre presente e que podia atender também às localidades vinculadas, enquanto a comunidade católica estava vinculada ao centro paroquial de Mato Leitão e o seu pastor, o padre, atendia à capela eventualmente, quando podia.

As condições das duas comunidades religiosas de Sampaio permaneceram estáveis nas questões de religiosidade até aparecerem os efeitos das “Leis da Nacionalização” e da Segunda Guerra Mundial se, principalmente em relação à proibição da língua alemã. Na comunidade evangélica os grupos de jovens e os trabalhos de ações pastorais que eram empreendidas de forma coletiva tiveram que ser canceladas porque os seus fiéis falavam somente a língua alemã. Como estavam proibidas as reuniões de grupos, falando em língua estrangeira, não existiam as condições para a continuidade desses movimentos até que o seu povo tivesse condições de se expressar na língua nacional ou, que fossem suspensas as condições restritivas. Observe-se que era a primeira vez que o poder público federal e estadual tomava alguma atitude com relação ao ensino nas comunidades alemãs. E foi no sentido de extinguir o sistema criado e administrado pelas próprias comunidades, que visava dar escolaridade aos seus filhos. Até então o governo tinha sido omissivo em relação a regulamentar o processo escolar nesses locais e o muito mais em construir escolas e pagar os seus professores. O fato é que agora, o poder público, diante da ameaça que poderiam representar os imigrantes, que falavam as suas línguas de origem, tomou medidas radicais no sentido de impedir que alguma nação estrangeira pudesse tomar alguma atitude hostil com relação ao Brasil. Não se media as consequências negativas que o ato de fechar as escolas representava para as pessoas e as comunidades. Na comunidade católica o impacto não foi diferente. Embora estivessem em condições diferentes porque tinham apenas uma capela e não um centro paroquial, os católicos aprenderam a fazer as suas orações na língua nacional. As novas escolas passaram a funcionar nas condições estabelecidas pelo governo, as crianças começaram a aprender a linguagem exigida e, agora com os professores pagos pelo poder público. Mas a linguagem de que a comunidade se utilizava informalmente, continuou sendo e, ainda por um longo tempo, a linguagem trazida pelos seus antepassados.

A religiosidade dos imigrantes e dos seus descendentes não sofreu prejuízos maiores na comunidade em virtude dessas turbulências temporais ocasionadas pelas “Leis da Nacionalização” e da Segunda Guerra Mundial. Os hábitos que os moradores de Sampaio tinham de reunir-se em torno dos seus templos aos domingos persistia até o início dos anos 1960. Apesar de algumas mudanças ocorridas na igreja católica em virtude do Concílio Vaticano II, como o fim das missas rezadas em latim e a virada do altar para que o padre pudesse ficar de frente para os fiéis, a assiduidade dos católicos permanecia estável. Como a paróquia de Mato Leitão já tinha padres auxiliares e até mesmo alguns filhos de descendentes de imigrantes tinham sido ordenados padres, as missas já aconteciam com frequência aos domingos, o que vinha de encontro aos fiéis. As festividades ainda eram celebradas com pompa e os cantos do coral com os seus antigos integrantes davam aquele tom solene tão caro às pessoas de idade mais avançada. Festas como o Natal, a Páscoa, da Padroeira, os Casamentos, a Primeira Comunhão das crianças, o Batismo, a Crisma além de outras, eram oportunidades em que a igreja ficava pequena para a quantidade de pessoas que afluíam ao templo para participar das missas e cerimônias comemorativas a essas solenidades, de maneira que muitas acabavam ficando do lado de fora por falta de espaço. Nas missas mesmo, os cantos comemorativos apresentados pelo coral representavam o tom simbólico mais solene, havendo uma sintonia previamente combinada como padre celebrante da solenidade. O sermão do padre era pronunciado em alemão e português, em respeito a aquelas pessoas da comunidade que não sabiam e não entendiam a linguagem alemã ainda exclusiva dos descendentes dos imigrantes mais antigos, mas que, aos poucos, estava perdendo espaço, na localidade. Alguns membros da comunidade reclamavam da demora que essa sobreposição representava no cerimonial, mas compreendiam que era uma necessidade para atender as duas posições distintas. Até mesmo porque, agora a maioria da comunidade já dominava a linguagem nacional, que não poderia ser excluída. Na igreja, as pessoas do sexo masculino continuavam ocupando os bancos do lado direito da entrada e as do sexo feminino ocupavam os do lado esquerdo. Todos e, com raras exceções, chegavam antes das cerimônias ou, então eram pontuais e participavam de todo o ato religioso, inclusive da comunhão.

Mas, foi a partir de meados dos anos 1960 que muitos começaram a perceber que, também no campo da religião, estavam acontecendo transformações importantes em hábitos, em alguns costumes e em algumas tradições da comunidade de Sampaio. As migrações de filhos de colonos rumo aos centros maiores estavam ocasionando modificações nas relações de comportamento, principalmente dos mais jovens, que copiavam os comportamentos as novas

atitudes (modismos) dos agora, “filhos dos colonos urbanizados”, a cada retorno destes à comunidade. Os filhos emigrados, cada vez que retornavam ao antigo habitat, traziam os valores incorporados do ambiente urbano e quando saíam, já tinham deixado novos sinais de mudança na comunidade. As primeiras mudanças eram insignificantes. Mas, aos poucos, mais e mais pessoas indo e vindo, os novos valores foram sendo incorporados e toda a comunidade acabou assumindo os novos hábitos, os novos costumes e as novas tradições. Os passos para as transformações foram acontecendo de fora para dentro. Os novos casais, que vinham de fora, já não respeitavam as normas que a comunidade, inconscientemente, tinha estabelecido, ao longo do tempo. A começar pela separação por sexo na igreja. Muitos chegavam atrasados aos atos religiosos. Outros já não compareciam ou saíam antes do final. Aquele respeito em relação ao ato religioso, quando todos ficavam atentos e não se conversava no ambiente enquanto não terminasse, já não estava sendo observado. Aquela tradição de chegar cedo, de encontrar os amigos e vizinhos, de trocar experiências e informações, enfim aquele hábito de conversar era coisa do passado.

Nos anos 1970 e 1980 essas transformações se intensificaram. As missas passaram a ter os seus folhetos impressos no centro paroquial de Mato Leitão e os cantos vinham previamente selecionados. Desta forma o coral já não era mais necessário porque o padre passou a entoar os cantos litúrgicos. Muitas pessoas da comunidade, num esforço extra e para ajudar, ensaiavam esses cantos, mas as mudanças freqüentes de letras e melodias atrapalhavam. Não existiam mais aqueles momentos solenes nos atos religiosos, que estavam se tornando comuns e repetitivos. As pessoas de mais idade, que sempre eram o exemplo da comunidade, estavam desaparecendo à medida que o tempo ia passando. Muitos dos migrantes já não mais tinham o hábito de comparecer às cerimônias religiosas nos centros em que viviam e, também não se sentiam motivados a comparecer quando visitavam a comunidade paterna. As programações televisivas, com conteúdos cada vez mais atraentes para o público jovem, transmitidas a partir do centro do país, também passaram a conflitar e a competir com os horários e as cerimônias religiosas nas igrejas. Acrescente-se o fato de que a maioria dos moradores da comunidade já não tem mais como o seu centro de referência a sua igreja como acontecia com os imigrantes e seus descendentes diretos. Os entes sociais da comunidade atual elegeram a sua sociedade como seu local de encontros nos fins de semana e feriados. Passaram a valorizar mais o lazer no seu contexto social. Tudo isso se traduziu em evasão de fiéis para a igreja, principalmente na comunidade católica. Na evangélica luterana, a assiduidade ainda permanece um pouco mais estável.

O que se constata hoje, é que o jovem está cada vez menos participante das atividades relativas à religião. O imigrante elegeu como o seu centro de referência a igreja ao passo que o seu descendente atual mudou esse centro para o seu centro social, a sua sociedade. É a transformação de valores de uma comunidade colonial de imigrantes de origem alemã após a transcorrência de 137 anos de colonização. Essa transformação ocorreu não somente em Sampaio, mas em várias outras comunidades da vizinhança.

Resumindo, as principais causas que levaram às transformações na comunidade de Sampaio, também quanto à religiosidade foram, em primeiro lugar, as “Leis da Nacionalização”. Essa ação governamental determinou a quebra do “patrimônio cultural alemão” e forçou a abertura das colônias alemãs ao mundo exterior. Esse fato levou, ao longo do tempo, à infiltração de pessoas e de valores diferentes para dentro da colônia e que acabou por se constituir em causa desencadeante de transformações. Em segundo lugar, podemos colocar como causa, a explosão demográfica nas colônias de ascendência germânica e de seus descendentes. No princípio, as subdivisões das propriedades dos imigrantes deram conta à demanda de terras, mas depois, o número excedente cada vez maior, levou esses filhos a emigrar para centros urbanos maiores, de onde esse contingente todo passou a absorver os hábitos, os costumes e os valores culturais e a repassá-los às suas origens, fato que levou, aos poucos, a transformações significativas desses aspectos e da religiosidade na comunidade. Em terceiro lugar, os meios de comunicação de massa, que por si só já traziam novos e diferentes valores à comunidade, também, passaram a concorrer diretamente com as suas programações nas atividades religiosas da comunidade, não só de Sampaio, mas também de outras localidades. Em quarto lugar, podemos nos referir ao conjunto dos valores de uma comunidade que, ao longo do tempo, vão agregando novos princípios, somam, mudam e, acabam transformados. Os imigrantes, diante das suas dificuldades iniciais, se uniam em torno dos valores religiosos e do simbolismo que estava representado neles. Era em torno deles conversavam, trocavam idéias e reuniam forças para continuar as suas lutas. A partir daí foram se fixando conceitos e valores, que foram internalizados pelos membros da comunidade, como seus hábitos, costumes e tradições e que eram seguidos tacitamente, como se estivessem escritos. Hoje, os seus descendentes atuais, que estão situados em condições bem mais confortáveis, têm outras preferências. Os seus valores sociais levaram-nos a preferir reunir-se em torno do seu centro social de lazer e de recreação, a sua Sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo contempla a análise de algumas variáveis que tiveram transformações ao longo dos 137 anos de existência da colônia de Sampaio. O resultado nos mostra que essas transformações, que essa localidade sofreu, foram determinadas em função de interesses toda uma sociedade brasileira e, a partir de dado momento, de um mundo global, que movido pelos seus instrumentos de ação cada vez mais abrangentes e “in loco”, não poupa, de transformações cada vez mais rápidas, até as mais isoladas e distantes comunidades. Os estudos estão relacionados a transformações de hábitos, costumes e tradições dessa comunidade.

Mas o que se entende por hábitos, por costumes e por tradições? Aurélio Buarque de Holanda vê como hábito “toda disposição duradoura adquirida pela repetição freqüente de um ato, uso, costume”. A pessoa fica observando e, aquilo que ela acha bom para si, incorpora para um conjunto de referências suas, que passam a ser os seus hábitos. Geralmente, essa pessoa vai formando os seus padrões de comportamento ao longo de toda a sua vida, o que se traduz então, como sendo a sua identidade. Para Holanda, um costume seria: ”um uso, um hábito ou uma prática”. De acordo com a wikipedia “Designam-se como costumes as regras sociais resultantes de uma prática reiterada de forma generalizada e prolongada, o que resulta numa certa convicção de obrigatoriedade, de acordo com cada sociedade e cultura específica”. Já uma tradição, para Holanda, significa a “transmissão oral de lendas, fatos, etc., de idade em idade, de geração em geração”. Para a wikipedia, “Tradição e a transmissão de práticas ou de valores espirituais de geração em geração, o conjunto de crenças de um povo, algo que é seguido conservadoramente e com respeito...”.

Contados os 180 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul, estima-se o ingresso de aproximadamente 75 mil imigrantes dessa nacionalidade em solo gaúcho. (ROCHE, 1969). Mas se a história relativa a esses imigrantes for contada a partir dos censos do IBGE verificaremos a seguinte composição:

Tabela 1 - Alemães e linguagem alemã no Rio Grande do Sul – 1940-1980

Censo Ano	População total Rio Grande do Sul	Alemães	Falavam língua alemã em casa	Percentual em relação ao RS
1940	3.320.689	15.279	393.934	11,86
1950	4.164.821	10.058	551.951	13,25
1960	5.366.720	7.661	-	-
1970	6.664.891	5.199	-	-
1980	7.773.837	3.202	-	-

Fonte: SILVA JUNIOR, Adhemar L. et alii. **Os Alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade, história.** Canoas: Ed. ULBRA, 2004, PP. 170-172.

A quantidade de imigrantes alemães residentes no Rio Grande do Sul foi declinante a partir de 1940. Mas a explosão demográfica entre os descendentes chegou a ponto de a língua alemã ser a mais fada no País depois do português (MAUCH, 1994, pag. 172). Pelo censo de 1950, 13,25% dos gaúchos falavam a língua alemã em casa. Nos censos seguintes esse item não foi mais incluído nas pesquisas do IBGE, mas o grande número de migrantes a partir de meados dos anos 1960 e sua influência sobre as famílias alemãs, além de outros fatores reduziram sensivelmente esses percentuais a partir dos anos 1970. Hoje, já é bastante reduzido o número de famílias que continuam falando essa língua em suas casas. A transformação desse hábito ou costume aconteceu aos poucos, conforme já estudado em nosso texto. Na comunidade de Sampaio, as pessoas que ainda permanecem utilizando essa linguagem são as de mais idade, embora quase todas saibam falar fluentemente o português, que é a língua corrente em quase todas as casas. Já existem pessoas na comunidade que, numa volta aos valores culturais do passado, estão estudando a língua alemã, “o alemão-padrão” (hochdeutsch), o que também acontece com muitos dos que emigraram para outros centros. Algumas pessoas mais saudosistas tentam motivar os integrantes da comunidade para uma busca maior aos valores do passado, mas o seu sucesso tem sido mínimo. A tendência é de que, dentro de alguns anos, à medida em os moradores de mais idade desaparecerem, passe a ser mínima a utilização da linguagem trazida pelos imigrantes.

As festividades, que sempre tiveram grande destaque nas colônias alemãs e muitas delas já eram tradicionais nos países de origem dos imigrantes, como o Natal e a Páscoa, estão

perdendo muito do seu sentido original. Hoje, algumas das festas estão sendo mantidas mais pelo seu retorno comercial do que pelo seu espírito cristão, do qual tem origem. Esta é uma das queixas de muitos dos moradores da comunidade de Sampaio. Parece que ultimamente as pessoas só têm, nas festividades, a obrigação de comprar as lembranças e os presentes e não existe mais o compromisso com a origem, a tradição e o que vem desde os antepassados, a fé cristã e o culto religioso. Assim, o que deveria ser a festividade, a comemoração do valor cristão, o simbólico com a fé cristã, a troca de gentilezas e de saudação entre as pessoas, transformou-se num ato de simples comércio de presentes e lembranças. O Kerb então, de uma comemoração para homenagear a Padroeira da localidade, se transformou numa festa para atrair o número máximo de pessoas e com a finalidade de arrecadar recursos para a sociedade. Os bailes, que eram tradicionais festividades de confraternização entre os moradores da localidade, com muita diversão e danças folclóricas originadas a partir dos antepassados, como o baile do rei, o baile das damas, o baile da juventude, etc., deram lugar para o baile do carnaval, o baile do chopp, o baile da cerveja, etc., todos voltados para o consumismo e a comercialização de algum produto, a fim de arrecadar recursos. Parece que as festas deixaram de lado as pessoas, o conagraçamento, a confraternização em troca dos fins, dos objetivos, da comercialização, etc.

O imigrante quando veio se fixar nessa nova terra trouxe consigo a sua fé cristã, o seu padrão de ética, os seus valores e a vontade de superar as adversidades para dar uma condição digna a sua família, o que já não era possível em sua antiga pátria diante de guerras, esgotamento de terras, miséria, etc. Na nova pátria tomou posse do seu lote, construiu a sua casa, instalou a sua família e construiu a sua igreja e a escola dos seus filhos. De acordo com a sua crença criou a sua comunidade, não esquecendo que, apesar de seu pensamento ser um pouco divergente, a ponto de se formarem duas comunidades diferentes na mesma na mesma localidade, todos eram irmãos na mesma fé cristã. Para que todos tivessem condições de vencer as adversidades e as condições de incerteza nessa nova pátria, todo o grupo, que acreditava no mesmo Deus, teria que conviver com o mesmo senso de espírito comum, buscando a ajuda do vizinho, quando necessário, para somar as suas forças. E assim, passando a viver em comunidade, onde sempre existiu o espírito de ajuda mútua, os imigrantes alemães construíram as duas comunidades, católica e a evangélica luterana, que se constituíam nas duas formas diferentes de acreditar no mesmo Deus da época, mas com o espírito universal cristão. Fixando-se nos em 26 lotes iniciais, que depois foram subdivididos em centenas, os seus descendentes continuaram o seu trabalho. Mantiveram as duas comunidades cristãs onde

o culto ao mesmo Deus persiste, é verdade que são menos assíduos na frequência às suas igrejas que os seus antepassados, mas o espírito de comunidade e de cooperação continua sempre presente. Para sua maior comodidade abriram quatro centros sociais em pontos distintos ao longo da extensão das propriedades que hoje compõe a área dos 26 lotes iniciais onde, sempre que é possível se reúnem para conversar, trocar idéias, propor negócios, etc., o que se assemelha ao que os pioneiros faziam, mas em torno de sua igreja. Os imigrantes pensavam com prioridade nas suas propriedades e no seu trabalho, os descendentes acrescentaram o lazer, a diversão e o entretenimento.

Analisando o texto sobre a comunidade de Sampaio em relação aos princípios dogmáticos apresentados por Max Weber, quando esse autor estuda um dos conceitos-chaves de sua obra, que é o comportamento humano da ação social, aflora à nossa percepção que os comportamentos dos imigrantes em relação aos hábitos, aos costumes e às tradições, esses colonos, agora instalados na nova comunidade, dão continuidade às práticas do meio social em que habitavam em seus países de origem e que eram também os princípios de conduta que os seus ancestrais tinham por hábito seguir (ver pgs. 25 a 27). Neste caso, segundo Weber, os imigrantes estariam sendo impelidos pela ação tradicional, isto é, estariam obedecendo a reflexos adquiridos a partir dos “modus vivendi” desses seus antepassados com os quais conviviam antes de emigrarem para a nova colônia, no caso, as práticas da linguagem alemã, das comemorações das festividades tradicionais, da religiosidade segundo a sua profissão de fé, além de outras formas de expressão social, que eram correntes entre eles nas suas comunidades de origem e que passaram a ser incorporadas às suas práticas de vida na nova comunidade em que, a partir de então, passaram a habitar. Com o passar do tempo, os hábitos, costumes e tradições passavam a ser internalizados por todos os membros da comunidade.

Os colonos trabalhavam com o espírito de união e de auxílio mútuo, premidos pela necessidade de sobrevivência, diante das dificuldades iniciais, em uma terra estranha (ver pgs. 22 a 27). Esta circunstância nos leva ao conceito de Weber sobre a ação afetiva que, segundo esse autor, seria uma reação emocional do ator em determinadas circunstâncias ditadas pelo estado de consciência ou humor do sujeito. As dificuldades de cada um dos atores da nova colônia de Sampaio, o levava a oferecer e a buscar auxílio nos seus vizinhos, o que acabava por se traduzir nos relacionamentos entre as pessoas, fortalecendo a consciência coletiva e de comunidade, sempre visando o bem comum. A idéia de Weber era a de que a sociedade como totalidade social seria o resultado das formas de relação entre os seus sujeitos constituintes.

O conceito de dominação legal também está presente neste texto (págs. 43, 44 46, 56 e 61), quando as autoridades instaladas exercem o seu poder de dominação, decretando uma legislação que passaria a modificar o comportamento de toda a comunidade de Sampaio a partir do momento em que ocorreu a chamada “Nacionalização”. Neste caso, segundo o conceito de Weber, o dominado, diante da ação legal do dominante, teve que aceitar a imposição das novas regras, mesmo que soubesse que as mesmas passariam a determinar modificações irreversíveis para toda a comunidade. A partir daí desfez-se o chamado “Deutschtum”, mais conhecido como “patrimônio cultural alemão” e instalaram-se as condições para a transformação de muitos hábitos, costumes e tradições na comunidade. A partir da decretação das “Leis de Nacionalização” a comunidade e os seus componentes foram obrigados a voltar-se para o mundo externo ao seu meio, o que, embora se lhes configurasse naquele momento como uma adversidade, transformou-se, a partir de então, na oportunidade de conhecer e assimilar valores de outras comunidades que, posteriormente, deram origem às transformações que apresentamos neste texto.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Lucildo. et GEDOZ, Sirlei T. **Povoamento e desenvolvimento econômico na região do vale do Taquari**, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930.
- ANSCHAU, Fábio. **O Hunsrückisch**: uma variante da língua alemã falada em Linha Imperial-Nova Petrópolis-RS. São Leopoldo: Trabalho de conclusão, 2006/1.
- AZAMBUJA, Lissi Bender. **Língua Alemã**: um legado dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul-RS. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2002.
- DIETRICH, Ana Maria. **Uma história sonogada**: campos de concentração no Brasil. Revista História Viva, ano VI, nº 67, 2007.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.
- ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador I**, Uma histórica de costumes. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1994, 215 p.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães**, a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. 1ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1997, 431 p.
- ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2000, 218 p.
- FIRMBACH, Theodor. **Santa Clara**: o combate federalista. Ed. Nova Dimensão, Porto Alegre, 1995.
- FOLHA DO MATE. **Folha Distritos**, Vila Teresinha, 8º Distrito, Venâncio Aires-RS, dez/2007.
- FUNDAÇÃO, Oswaldo Carlos van Leeuwen. **Sociedades de canto no Vale do Taquari**: história e tradição. Lajeado: Fundação..., 2003.
- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL DE SAMPAIO. **Colonização de Linha Teresinha e a formação da Comunidade Evangélica**. Mato Leitão, 1996.
- KARAM, Elaine Maria C. **Raízes da colonização: Brasil, Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. CORAG, 1992.
- KLIEMANN, Luiza H. S. **RS: terra e poder – história da questão agrária**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1986. (Documental).
- MAUCH, Claudia e VASCONCELOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.
- MORAES, Carlos de Souza. **O colono alemão**: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo. Porto Alegre: EST, 1981.
- MÜLLER, Telmo Lauro. **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.
- PELLANDA, Ernesto. **Colonização germânica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1925.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1984. (Série Revisão I).
- PETTER, Ricardo. **Sociedades de canto no vale do Taquari: história e tradição**. www.fundacaoswaldocarlos.org.br. Lajeado, 2009.
- REFLEXÕES CULTURAIS SOBRE OS IMIGRANTES DE ORIGEM GERMÂNICA. **Festas populares dos imigrantes alemães**. Associação Cultural Gramado, Gramado, 2004.
- RICHTER, Waldemar L. **Nossas origens**. Lajeado: Ed. Cometa, 1994.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul**. 2 vols. Porto Alegre:Ed. Globo, 1969.
- SAMPAIO. **Zum 50 jährigen jubilaum**, 1873-1923, festausgabe. Sampaio, juni/1923.
- SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado**. Prefeitura Municipal de Lajeado I, 1993.
- SCHNEIDER, Sérgio. **Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 17, nº 1, p. 298-323, 1996.
- SEYFERTH, Giralda. **A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira**. Salvador: Ed. UFBA, 1989, 137 p.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1990, 103 p.
- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SILVA JUNIOR, Adhemar L. **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. Canoas: Ed. ULBRA, 2004, 222 p.
- SOMMER, Arno. **Von Teutônia in die welt**. Teutônia: federação dos Centros Culturais 25 de julho, 1986.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo**. Porto Alegre, UFRGS.
- SZYMANSKI, Julian. **Tópicos de sociologia geral: Max Weber, Karl Marx e Émile Durkheim**. Jul/2005.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.
- WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2003.
- WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 3ª edição, Brasília: Ed. UNB, 1994.
- WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Ed. Atlas, 1979.
- WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez e Ed. UNICAMP, 1992.
- WOORTMANN, Klaas. **Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral**. Anuário Antropológico. Rio de Janeiro, 87, 1990.
- [HTTP://bomdespachomg.com.br](http://bomdespachomg.com.br)
- [HTTP://br.monografias.com](http://br.monografias.com)
- [HTTP://familia-lamb.vilabol.uol.com.br](http://familia-lamb.vilabol.uol.com.br)

[HTTP://heuser.pro.br](http://heuser.pro.br)

[HTTP://inema.com.br](http://inema.com.br)

[HTTP://produto.mercadolivre.com.br](http://produto.mercadolivre.com.br)

[HTTP://terrabrasileira.net](http://terrabrasileira.net)

[HTTP://wikipedia.org](http://wikipedia.org)

[HTTP://www.educacional.com.br](http://www.educacional.com.br)

[HTTP://www.mluther.org.br](http://www.mluther.org.br)

[HTTP://www.overmundo.com.br](http://www.overmundo.com.br)

[HTTP://www.riogrande.com.br](http://www.riogrande.com.br)

www.brasilalemanha.com.br

[WWW.fundaçãooswaldocarlos.org.br](http://www.fundaçãooswaldocarlos.org.br)

[WWW.regiãoodosvales.com.br](http://www.regiãoodosvales.com.br)

[WWW.universia.com.br](http://www.universia.com.br)

[WWW.worldlingo.com](http://www.worldlingo.com)

ANEXOS

Anexo I

QUADRO I – Fundação das colônias do Vale do Taquari

Ano	Nome da Colônia	Fundadores	Colonizadores	Município Atual
1853	Estrela	Victorino José Ribeiro	Alemães	Estrela
1853	São Gabriel	Primórdio C. Azambuja	Alemães	Cruzeiro do Sul
1853	Conventos	Fialho & Baptista	Alemães	Lajeado
1856	Mariante	Cel. Antonio J. Silva	Alemães/Portugueses	Venâncio Aires
1858	Teutônia	Schilling & Cia	Alemães	Teutônia
1858	Ubatuba	J. Ubatuba	Alemães	Lajeado
1860	Desterro	Chrispim Ribeiro	Alemães/Portugueses	Cruzeiro do Sul
1860	São Caetano	Diversos	Alemães	Arroio do Meio
1869	Arroio do Meio	J. P. Fialho de Vargas	Alemães	Arroio do Meio
1870	Santa Clara	Antonio de V. Fialho F ^o	Alemães	Sta Clara do Sul
1872	Faz. Conv. Verm.	Santos Pinto	Alemães	Roca Sales
1875	Poço das Antas	Ely Weber & Cia	Alemães	Poço das Antas
1875	Forqueta	Diversos	Alemães	Arroio do Meio
1876	Nova Berlim	Schoet Py & Cia	Alemães	Marques de Souza
1880	Travesseiro	Xavier Alves	Alemães	Travesseiro
1880	Sete Léguas	Antonio J. S. Mariente	Alemães/Italianos	Sério
1885	Palmas	J. P. Fialho de Vargas	Alemães	A do Meio/Encantado
88/89	28 de Setembro	Idem	Italianos	A do Meio/Encantado
88/89	Esperança	Idem	Italianos/Franceses	Vespasiano Correa
88/89	Brava	Idem	Italianos/Franceses	Vespasiano Correa
88/89	Braz Chalreo	Idem	Italianos/Franceses	Vespasiano Correa
88/89	Alegre	Idem	Italianos	Muçum
1895	Forquetinha	Bento Rosa Coutinho	Alemães	Forquetinha
1897	Muçum	Bento Rosa Coutinho	Alem/Ital/Portugueses	Muçum
1900	Fão	Ernesto Heussler & Cia Colonizadora	Alemães/Italianos	Marques de Souza
1903	Bella Vista	Idem	Alemães	Arroio do Meio
1903	Boa Vista	Idem	Alemães/Italianos	Arroio do Meio
1903	Ernesto Alves	Idem	Poloneses	Arroio do Meio
1903	Sampaio	Idem	Alemães	Santa Clara do Sul
1903	Pedra Branca	Idem	Alemães	Canudos do Vale
1903	Campo Branco	Idem	Alemães/Italianos	Progresso
1903	S Fco do Gramado	Idem	Alemães/Italianos	Sério
1903	Arroio Grande	Idem	Alemães	Arroio do Meio
1903	Capitão	Idem	Alemães	Capitão
1903	Bastos	Idem	Alemães	Marques de Souza
1903	Vinagre	Idem	Alemães	Travesseiro
1903	Atalho	Idem	Alemães	Marques de Souza

Fonte: Pellanda (1925) e Ferri (1986)

OBS: Todas as colônias foram desenvolvidas por empresas particulares.

Anexo II

ROTEIRO DE ENTREVISTA “A TRANSFORMAÇÃO DE HÁBITOS, COSTUMES E TRADIÇÕES NA COMUNIDADE DE SAMPAIO”.

QUESTÕES:

- 1 – Sexo?
- 2 – Idade?
- 3 – Estado civil?
- 4 – Qual o grau de instrução do seu pai?
- 5 – Qual o grau de instrução da sua mãe?
- 6 – Qual a ocupação do pai?
- 7 – Qual a ocupação da mãe?
- 8 – Qual a sua cidade de origem?
- 9 – Qual a cidade e o bairro em que você reside?
- 10 – Com quem você reside (pai, mãe, irmãos, companheiro, etc.)?
- 11 – Coursou o ensino fundamental em escola pública ou privada?
- 12 – Coursou o ensino médio em escola pública tradicional ou técnica, privada tradicional ou técnica?
- 13 – Costuma ler algum jornal ou revista? Qual?
- 14 – Quais são as suas opções de lazer?
- 15 – O que você poderia dizer em relação a hábitos, costumes e tradições na sua comunidade a partir da colonização por imigrantes alemães em 1873?
- 16 - Com relação à linguagem, o hunsrückisch era o dialeto dominante então, poderia apresentar um relato de, como, a partir de quando e as causas que motivaram os imigrantes e seus dependentes a abandonarem o hábito de falar nessa linguagem?
- 17 – Com relação às festas, que tipos de festividades a comunidade costumava celebrar e como eram essas festas?
- 18 – Em relação à religiosidade, como as pessoas agiam para participar das atividades religiosas?
- 19 – Fale sobre a evolução do ensino na comunidade. Poderia descrever as causas e as circunstâncias que levaram a abandonar a linguagem dos imigrantes para o ensino nas escolas?
- 20 – Que tipo de escola existia para os filhos dos imigrantes e seus dependentes e como o ensino evoluiu no contexto da comunidade?
- 21 – Qual a influência que a troca de linguagem nas escolas ofereceu em relação ao abandono gradual do hunsrückisch como linguagem dominante pelos dependentes dos imigrantes?
- 22 – Quais as festividades que os seus ascendentes costumavam celebrar com mais intensidade e quais são as que a comunidade continua realizando atualmente?
- 23 – Poderia descrever como eram as festas de antigamente e como são as atuais e de que maneira as pessoas agiam perante as festas no passado e como agem diante delas na atualidade?

24 – Poderia descrever como eram os bailes que aconteciam no passado, os tipos de bailes que aconteciam, as formas de dança, os procedimentos dos participantes e em sua opinião, o que você pode dizer sobre semelhantes eventos da atualidade?

25 – Com relação à religiosidade, poderia descrever os procedimentos dos imigrantes e dos seus dependentes diretos nas suas manifestações quanto à espiritualidade e de que forma os componentes da comunidade procedem na atualidade nos assuntos de religião?

26 – Quais as mudanças que em sua opinião se manifestaram por iniciativa da igreja, modificando o comportamento dos fiéis e, quais as iniciativas externas à igreja que provocaram mudanças de atitude em relação à mesma?

27 – Poderia falar em relação à evolução da comunidade como um grupo social e sobre as suas transformações ao longo do tempo, que foram acontecendo aos poucos?

28 – Poderia descrever como os componentes da comunidade reagiram em relação às mudanças de hábitos, costumes e tradições à medida que os mesmos foram acontecendo?

29 – Qual a forma de atuar do jovem no passado e no presente? O que ele pensa sobre a realidade atual e como encara os desafios do amanhã?

30 – Poderia descrever outras manifestações praticadas pelos imigrantes e seus dependentes diretos e que, na atualidade, estão sendo praticadas de forma diversa?